

O DESAFIO DE EDUCAR PARA VALORES NO SÉC. XXI

Filipa Barbosa Ferreira de Lima

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a qualificação para a
docência em Educação Pré-escolar e Primeiro Ciclo do Ensino Básico
Abril de 2016



Instituto Superior de Educação e Ciências

Instituto Superior de Educação e Ciências

Instituto Superior de Educação e Ciências

Provas para obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-escolar e Primeiro Ciclo do Ensino Básico

O DESAFIO DE EDUCAR PARA VALORES NO SÉC. XXI

Autora: Filipa Barbosa Ferreira de Lima

Orientadora: Professora Doutora Isabel Baltazar

Abril de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar e muito em especial à professora Isabel Baltazar, por toda a dedicação e disponibilidade que revelou durante este período de trabalho. Foi incansável.

Aos participantes, por se terem disponibilizado a fazer parte deste estudo, oferecendo o seu tempo para dar o seu testemunho que se revelou fundamental para o presente trabalho.

À Joana C., Joana S., Teresa e Vera, por me terem acompanhado durante todo este percurso académico, que se mostraram sempre minhas amigas e me apoiaram nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, que sempre foram o maior exemplo de trabalho e generosidade que alguma vez poderia ter. Sem eles não seria a pessoa que sou hoje, não teria atingido os meus objetivos até aqui, nem daria tanta importância ao presente tema.

Ao António, por ter estado sempre ao meu lado.

A Nossa Senhora, por me ter amparado e dado força sempre, fazendo com que nunca duvidasse da sua presença e do seu amor por mim.

RESUMO

O presente estudo qualitativo surgiu perante a necessidade de agir face à crise de valores que se faz sentir nos dias de hoje. Este estudo tem como objetivo principal compreender o modo como são transmitidos valores às crianças, bem como o papel da família e da escola diante de tal tarefa. A investigação foi realizada com base em recolha documental e testemunhos reais de sujeitos que sentimos serem benéficos para o estudo. Optámos por estes dois métodos de recolha de informação, com o intuito de nos basearmos em histórias e experiências reais, ao mesmo tempo que suportadas por autores de referência.

Ao longo do estudo irão ser apresentados conceitos fundamentais, como valores, família e escola, enquadrados nos seus campos de análise concretos, recorrendo a entrevistas de agentes educativos que comprovam o ponto de vista conceptual que serviu de ponto de partida para o enquadramento teórico do tema.

Toda a investigação decorreu com o intuito de responder às seguintes perguntas de investigação: "*Qual o papel da escola e da família perante a educação para valores?*"; "*Qual a realidade atual da educação para valores?*"; "*Qual o desafio do professor face à realidade atual?*"

Ficou comprovado que a família e a escola são instituições fundamentais na transmissão dos valores, embora a crise de valores nas famílias transfira cada vez mais para a escola a responsabilidade da educação para valores.

Palavras-chave: Educação; Valores; Família; Escola; Sociedade.

ABSTRACT

This qualitative study came to exist before the need to take action in face of the crisis of values that is felt nowadays. Its main purpose is to understand how values are transmitted to children as well as the role of family and school before such a task. The research was based on documentary collection and real testimonies of individuals who we felt were beneficial to the study. We have chosen these two methods of gathering information in order to build on in real stories and experiences, while supported by reference authors.

Throughout the study fundamental concepts will be presented, such as values, family and school, framed in their specific fields of analysis, using educators' interviews that demonstrate the conceptual point of view that was the starting point for the theoretical framework of the theme.

All of the research took place in order to answer the following research questions: "*What is the role of school and family towards the education for values?*"; "*What is the current reality of education for values?*"; "*What is the challenge of the teacher in face of the current reality?*"

It was demonstrated that family and school are key institutions in the transmission of values, although the crisis of values in families increasingly transfers to the school the responsibility of education for values.

Keywords: Education; Values; Family; School; Society.

Índice

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO	5
1.1 Valores na educação	5
1.1.1 Noção e definição de valores	5
1.1.2 Modelos de transmissão de valores	7
1.1.3 Visão atual de valores	10
1.2 Educação de valores na família	11
1.2.1 Terminologia.....	11
1.2.2 O papel da família na educação de valores.....	12
1.3 Educação de valores na escola.....	14
1.3.1 Terminologia.....	14
1.3.2 O papel da escola na educação de valores	15
1.4 A urgência de educar para valores	16
CAPÍTULO 2 – PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA	19
2.1. Problemática do estudo	19
2.2. Paradigma Qualitativo Interpretativo	20
2.3. Design do estudo - Entrevista semi-estruturada	22
2.4. Participantes.....	23
Entrevistada C.G.....	24
Entrevistada C.R.	24
Entrevistada H.A.....	24
Entrevistada R.J.	25

Entrevistado L.C.	25
2.5. Instrumentos de recolha de dados	26
Entrevista semi-estruturada	26
Conversas informais	27
Recolha documental.....	27
2.6. Tratamento e análise de dados	27
2.6.1. Elaboração do guião da entrevista	28
2.6.2. Realização da entrevista	28
2.6.3. Transcrição das entrevistas	29
2.6.4. Análise de conteúdo das entrevistas	30
CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	31
3.1 Perspetivas atuais sobre os valores	31
3.2 A transmissão de valores pela família e pela escola.....	32
3.3 A crise de valores na sociedade atual	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
Compreensão e síntese das questões de investigação.....	41
Investigações futuras e possíveis reformulações do tema abordado.....	42
Contribuições para o desenvolvimento pessoal e social.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXOS	51
ANEXO 1 – GUIÃO DA ENTREVISTA COMUM.....	53
ANEXO 2 – GUIÃO DA ENTREVISTA ADAPTADO AO ENTREVISTADO L.C.	59
ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA C.G.	63
ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA C.R.....	73
ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA H.A.	83
ANEXO 6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA R.J.....	93

ANEXO 7 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO ADMINISTRADOR L.C.
..... 103

ANEXO 8 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS 117

INTRODUÇÃO

A sociedade é vista como algo que se encontra em constante evolução. Todos os dias surge uma nova descoberta, existem negociações que podem alterar o rumo de personalidades, tenham elas diretamente, ou não, a sua relevância na comunidade em que se inserem. A vida em sociedade nunca para e o Ser Humano, como sujeito principal da mesma, não se deixa ficar para trás, tentando acompanhar a galopante evolução com que se confronta. Contudo, nem sempre é possível, ou nem sempre tem a capacidade de marcar o mesmo ritmo que as alterações ocorrentes em seu redor. Tal como a evolução gera consequências, positivas ou não, quem a acompanha destina-se ao mesmo fim. Vejamos, como expressa Leandro (2006), “a família tem atravessado todas as épocas de profundas transformações políticas, económicas e sociais” (p.52). Foi perante estas reações que surgiu o presente estudo, a preocupação de entender as consequências desta evolução na educação para valores das crianças atuais.

Respondendo à evolução dos tempos, da sociedade e das mentalidades do Ser Humano, a Mulher tem vindo a enveredar significativamente pelo mundo laboral, optando por este em detrimento, muitas vezes, de uma vida familiar a tempo inteiro. Segundo Carneiro (2009) “A família encontra-se sob a pressão da gestão do tempo e de recursos escassos, as mulheres entraram maciçamente no mercado de trabalho para serem provedoras além de educadora” (p.14). Como consequência de tal opção, as crianças ingressam na escola cada vez mais cedo, ficando entregues na maioria do seu dia, a creches, amas ou babysitters. Após o horário laboral, o tempo que resta aos pais para estar com os seus filhos não é abundante, o que pode influenciar o desenvolvimento dos segundos em múltiplas áreas, principalmente na área afetiva e de valores. É então que ingressamos no tema principal a que o presente estudo se prendeu, a crise de valores. Como enuncia Canastra (2005):

O debate em torno da “educação em valores” (ou “para valores”), de um modo geral, transporta-nos para um universo complexo e gerador de ambiguidades. De que valores se tratam? Devem “ensinar-se”? Como fazê-lo? É a tão anunciada “crise de valores”? O que está em causa? Ausência de valores? Pluralismo de valores? (p.41)

Foi perante tal preocupação que sentimos necessidade de investigar e conhecer melhor o universo da transmissão de valores. Era fundamental compreender realmente este processo, bem como os agentes que desta se encarregam.

Ao longo do processo de escolha do tema, percebemos desde cedo que pretendíamos realizar um estudo sobre algo que nos fosse próximo, sobre algo que nos preocupasse verdadeiramente e interviesse com o nosso quotidiano. Foi então que compreendemos a urgência de atuar perante a crise de valores que se vive atualmente. Afirmamos a existência de uma crise, pois é algo que somos capazes de sentir diariamente em múltiplas situações.

A crise atual da sociedade é uma evidência em todos os sentidos: material e espiritual. A emergência da crise de valores é um facto e provoca a necessidade e urgência de educar para valores. Na escola e na família. Deste modo, prendemo-nos a três perguntas de partidas, às quais tentámos encontrar respostas satisfatórias, sendo elas “Qual o papel da escola e da família perante a educação para valores?”, “Qual a realidade atual da educação para valores?” e “Qual o desafio do professor face à realidade atual?”.

Optámos por enveredar pelo caminho das perguntas a cima, pois sentimos que o ato de transmitir valores é algo que se encontra atualmente em declínio e confusão, isto é, não é claro para a sociedade quem são os responsáveis por esta transmissão. Ou por outro lado, é certo que é a família que tem a função primária de educar valores, mas tal não é sentido realmente, como poderá ser confirmado no corpo do trabalho. Decidiu-se então estruturar o mesmo em quatro partes, sendo o primeiro capítulo destinado a um enquadramento teórico, onde poderão ser encontradas opiniões e posições de diversos autores de referências perante o tema retratado. Para isso, realizámos um levantamento e reflexão acerca das correntes teóricas mais relevantes para a compreensão do tema dos valores, da família e da escola, bem como do papel que cada uma das instituições deve assegurar face à transmissão e educação para valores.

Num segundo capítulo será descrita e explorada toda a metodologia utilizada para a realização da investigação. Serão clarificados todos os conceitos, bem como todas as técnicas utilizadas, desde o começo ao final do estudo. Este está exposto com o intuito de dar a conhecer todo o processo, desde as perguntas de partida, as estratégias de investigação, até ao modo como estas foram executadas.

Chegando ao terceiro capítulo, poderá encontrar-se a análise dos resultados obtidos ao longo da investigação. Estes fundamentam-se nas nossas reflexões e conclusões, perante as entrevistas realizadas, complementando as mesmas teoricamente, com o intuito de completar ao máximo todos os resultados alcançados.

Finalmente, num último capítulo, procurar-se-á realçar os principais resultados do capítulo anterior, sintetizando as conclusões retiradas, de modo a responder às questões de investigação colocadas anteriormente.

CAPÍTULO 1 - QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO

O tema escolhido para este trabalho é a Educação para Valores, tema essencial para a formação integral da criança. Esta educação faz-se através do currículo formal e não formal na escola, e, sobretudo do exemplo por parte da família.

O primeiro capítulo do presente estudo destina-se ao aprofundamento de certos temas sustentados por autores de referência. Uma vez que nos debruçamos sobre a educação para valores, sentimos ser essencial abordar primeiramente o tema de valores, definindo-o, descrevendo alguns modelos de transmissão dos mesmos e fazendo uma pequena reflexão sobre a visão atual de valores. Num segundo e terceiro momentos, surgiu a necessidade de definir família e escola, bem como o papel que cada instituição tem na educação para valores das crianças atuais. Pareceu-nos essencial abordar estes três temas, uma vez que a escola e a família são vistas como as principais fontes de transmissão de valores, mesmo que os seus papéis possam não ser completamente claros para a sociedade atual.

Como poderá estar explícito no parágrafo anterior, o capítulo seguidamente apresentado encontra-se organizado em três partes, estando estas intituladas: (1.1.) Valores na educação, (1.2.) Educação de valores na família, e (1.3.) Educação de valores na escola. Assim, pretende-se interpretar as considerações feitas de diferentes autores sobre o tema da educação de valores, visando os objetivos específicos deste trabalho tendo em conta conceitos fundamentais sobre o tema abordado.

1.1 Valores na educação

1.1.1 Noção e definição de valores

Valor é considerada uma palavra polissémica, uma vez que é possível atribuir-lhe diversos significados consoante o contexto com que nos deparamos. A mesma palavra pode ter um significado diferente de sujeito para sujeito. Deste modo, é relevante distingui-los desde já, uma vez que não iremos analisar a palavra em todos os seus sentidos.

Podemos falar de valor quando o atribuímos a algo, ou seja, quando quantificamos determinado objeto, quando queremos reconhecer o quão valioso algo é.

Noutro sentido, aquele sobre o qual nos vamos debruçar, referimos os valores como algo que nos guia e nos move no nosso dia-a-dia, algo que está intrinsecamente ligado a uma pessoa e sob o qual podemos compreender as suas características morais. Segundo Halsted (1996) "values is used to refer to principles, fundamental convictions, ideals, standards or life stances which act as general guides to beliefs or actions and which are closely connected to personal integrity and personal identity." (p.5)

Para Ricotta (2006) "Valores são determinados princípios que norteiam a vida das pessoas, dando-lhes direções e orientação de como Ser, comportar-se, relacionar-se e expressar as habilidades e potenciais em vista da concretização dos projetos e ideias." Pires (2001) completa afirmando que:

Os valores fundamentam as nossas atitudes, influenciam as nossas opções, condicionam a nossa conduta e estão na base dos nossos comportamentos pessoais e sociais. Apesar de nem sempre serem assumidos conscientemente, eles exercem uma influência profunda no desenvolvimento da nossa personalidade e na forma como nos relacionamos com os outros e com o mundo (p.12).

É a partir dos valores pessoais, que cada pessoa se rege e molda a sua vida pessoal. Os valores segundo os quais fomos educados, como por exemplo, o respeito, a solidariedade ou a ajuda ao próximo, são os pilares que irão sustentar a maioria das opções que iremos tomar ao longo da nossa história individual. No entanto, nem todos definimos valores do mesmo modo, uma vez que nem todos nos regemos pelos mesmos. O que para alguém é certo, para outro pode ser errado, e assim entramos num conflito de valores. Segundo Rosa (1998) "Os valores serão, então, dados objetivos, se não universalmente válidos para todos os que têm parte na condição humana de existência, válidos, pelo menos, para aquele universo de indivíduos que estão inscritos na comunidade em que eles estão implementados."

O contexto onde nascemos e crescemos influencia toda a nossa vivência, influencia o modo como olhamos para os outros, para a sociedade e até para nós próprios. Será então, consoante este crescimento pessoal, que cada indivíduo estabelece os seus valores fundamentais, bem como uma hierarquia dos mesmos, segundo a qual irá orientar as suas escolhas. Segundo Marques "Aos valores que nascem das necessidades humanas racionais, chamamos de valores racionais. Aos valores que nascem das necessidades humanas sensitivas chamamos valores vitais. Só os primeiros podem aspirar à universalidade. Os restantes são produto dos contextos e das

condições.” (Educar em valores, <http://www.eses.pt/usr/ramiro/index.htm>) Ainda conforme o mesmo autor, podemos observar que a hierarquia, ou a escala de valores de cada indivíduo não é igual a outro. Os nossos valores derivam das nossas necessidades, logo, sendo cada pessoa um ser único e individual, todos temos as nossas próprias necessidades que irão convergir numa hierarquia de valores única. Confirmamos, observando a hierarquia de valores de vários filósofos.

Para Platão, o bem é o valor supremo. A beleza é o esplendor da verdade, a qual surge em terceiro lugar na sua escala, logo seguida da sabedoria e, em último lugar, o prazer. Para Aristóteles, na *Ética a Nicómaco*, em primeiro lugar vêm os valores que são dignos da felicidade, depois os que são dignos de admiração, de seguida, os que são dignos de amor e, por último, o honorável, o belo e tudo o que não é mau. Max Scheler divide os valores em sensíveis e espirituais. Os sensíveis incluem os hedonísticos e os vitais. Os espirituais incluem, por ordem crescente de importância, os estéticos, os éticos, os lógicos e os religiosos. (Marques, n.d.)

Segundo Carvalho (2013), Louis Lavelle (1955) forma a sua hierarquia de valores, organizados por três níveis crescentes, nomeadamente. Em primeiro lugar os valores que pertencem ao mundo, incluindo os económicos e os afetivos. Num segundo estatuto os valores que permitem contemplar o mundo, os intelectuais e os estéticos e finalmente os valores que transcendem o mundo, os morais e os religiosos.

Deste modo, não existe de facto uma hierarquia mais correta do que outra. Cada indivíduo cria a sua própria escala de valores, consoante as suas próprias necessidades. No entanto, nunca poderá deixar de lado as necessidades da sociedade e os valores que realmente são importantes para uma vida social serena e despreocupada de conflitos, pois, como realça Halstead (1996), citado por Carvalho (2013) “mesmo em sociedades pluralistas, há um conjunto de valores partilhados e de padrões de comportamento que permitem que as instituições funcionem com a mínima sustentabilidade.” (p.19)

1.1.2 Modelos de transmissão de valores

Ao fazermos referência a modelos de transmissão de valores, não podemos afirmar que existe apenas uma forma correta de o fazer. Cada pessoa tem o seu modo de agir e reagir perante o mundo, logo cada um tem a sua maneira de educar e de se deixar educar. O modelo mais comum que podemos observar é a transmissão de valores através do exemplo. Seja em casa ou na escola, o educador esforça-se, ou deve fazê-lo,

para revelar uma boa conduta, com o intuito de se destacar perante a criança, fazendo com que esta o tome como exemplo e siga os seus passos. Tal modelo de educação não será abordado em jeito de imposição, mas de auxílio, para que a criança seja capaz de construir a sua própria hierarquia de valores, mesmo que esta não seja linearmente semelhante à de quem o educa.

Existem ainda outros modelos de transmissão de valores. Bonotto (2008) considera que um modelo de transmissão de valores deve alongar-se por três dimensões. Em primeiro lugar, a cognição, isto é, a existência de uma ponderação perante determinada situação, para que a pessoa desvende a melhor opção a tomar. Num segundo campo, a afetividade, que como define o autor é o “trabalho de envolvimento, identificação e expressão de sentimentos relacionados ao foco de interesse. Para esse trabalho considero que experiências, envolvendo a apreciação e/ou expressão estética, seriam altamente significativas, através da apreciação de obras artísticas e/ ou elaboração de exercícios estético-expressivos.” (p.319) Finalmente chegamos ao campo da ação, onde o indivíduo pretende concretizar e vivenciar determinada situação relacionada com o seu foco de interesse.

Segundo Marques (1998), Kohlberg desenvolveu uma teoria de estádios do desenvolvimento moral, ou seja, um modelo de transmissão de valores relacionado com o sistema psicológico. Para o autor, qualquer pessoa que seja educada em valores passa por seis estádios de desenvolvimento:

Estádio 1. Orientação pela obediência e punição. Deferência egocêntrica face ao poder e à autoridade. Estádio 2. Estádio da individualidade instrumental. Orientação egoísta. A acção correcta é aquela que satisfaz as necessidades do indivíduo e apenas ocasionalmente dos outros. Igualitarismo radical. Estádio 3. Orientação bom rapaz, linda menina. Orientação para a aprovação e para agradar aos outros. Conformidade aos estereótipos sociais. Estádio 4. Orientação para a manutenção da ordem e da autoridade. Respeito pela autoridade e pelas expectativas que a sociedade deposita em nós. Estádio 5. Orientação contratual legalista. O dever é definido em termos de contrato. Deferência para com o bem-estar dos outros e pelo cumprimento dos contratos. Estádio 6. Orientação pelos princípios éticos. A acção é conforme a princípios universais. Primado da consciência individual e pelo cumprimento do dever. (n.d.)

Já para Eisenber, segundo Koller & Bernardes (1997), esta evolução passa por apenas cinco níveis de desenvolvimento pró-social, ou seja, cinco níveis que representam o “processo de aquisição e mudança dos julgamentos e comportamentos de ajuda ou benefício dirigidos a outros indivíduos ou grupos” (p.224). Nível 1: Orientação

Auto-Focada e Hedonística; Nível 2: Orientação para as Necessidades dos Outros; Nível 3: Orientação para Aprovação Interpessoal, e/ou Orientação Estereotipada; Nível 4a: Orientação Empática Auto-Reflexiva; Nível 4b: Nível de Transição; Nível 5: Orientação para forte Internalização.

Koller & Bernardes (1997), ao fazer uma reflexão comparativa entre o modelo de Kohlberg e Eisenber afirmam que “enquanto Kohlberg estudava o julgamento moral a partir de transgressão, Eisenberg investiga a moralidade em funções de ações pró-sociais como comportamentos de ajuda.” (p.224)

Marques (1998), apresenta um outro modelo, intitulado “clarificação de valores”, desenvolvido nos anos 60, por Raths, Harmin e Simon. “Com este método, encorajam-se as crianças a fazerem escolhas livres e a descobrir alternativas quando confrontadas com escolhas” (Costa, 2011, p.7). Neste caso o professor serve apenas como moderador, ou seja, acompanha todo o seu processo de desenvolvimento e cria momentos para que a criança se depare com situações em que as tenha de resolver sozinha, decidindo o que de melhor tem a fazer. No entanto, o papel do professor não se baseia apenas em criar situações, mas em interrogar a criança sobre as suas escolhas, para que esta seja obrigada a questionar-se a si própria e a justificar as suas opções.

Marques (2008), sugere também o modelo de educação de carácter, desenvolvido por Kevin Ryan e Karen Bohlin (1999), ao qual deram o nome de 6Es, ou seja, os autores defendem que é a partir do exemplo, da explicação, *ethos* (costumes), experiência, exortação e expectativas de excelência, que serão capazes de transmitir bons valores e formar bons cidadãos.

Um último modelo “comunidade justa”, desenvolvido por Kohlberg, também proposto por Costa (2011), sugere que os alunos sejam parte integrante da tomada de decisões, fazendo-o, por exemplo através de debates. Com este modelo, o autor pretende que os alunos se deparem com diferentes métodos de aprendizagem dos valores necessários para viver em sociedade, não só na sua vida como seres únicos que são, mas perante decisões que envolvem outros indivíduos, outras personalidades e maneiras de ser e agir. O presente modelo pode não ser o mais favorável para certos professores, pois perdem o poder absoluto, mas orientado da forma correta, poderá ser um modelo que integra de facto as crianças e dá-lhes verdadeiras responsabilidades.

Perante os modelos que apresentamos a cima, não será possível afirmar que um deles é o mais correto ou perfeito. Nunca nos podemos esquecer de que estamos a abordar um tema que apenas envolve pessoas, o que implica que nada seja linear e que cada caso será indiscutivelmente particular, pois cada pessoa tem as suas características únicas e individuais, fazendo com que aja e reaja de formas diferentes perante determinada situação.

O bom professor tem o papel de observar o grupo com que se encontra e a partir do conhecimento individual de cada aluno, delinear a melhor forma de chegar à turma, consoante as características de cada um. Apenas assim executará uma educação adequadas, pois é desenhada a pensar em cada criança em especial.

1.1.3 Visão atual de valores

Os tempos evoluem e do mesmo modo as mentalidades acompanham. Fenómeno este que pode ser benéfico, pois há mais investigação e as pessoas estão mais interessadas, mas por outro lado, pode levá-las a preocupar-se apenas com o supérfluo e não tanto com o essencial. Nos dias de hoje nada é vivido com profundidade, as relações humanas, os trabalhos, os compromissos. Tudo é vivido a pensar naquilo que o “eu” pode retirar da situação, a pensar nos benefícios que cada momento nos oferece, em vez de repararmos no mais essencial e mais simples. Em vez de pensarmos no que podemos dar ao outro, da beleza da vida e das amizades, do bom das relações, da grandeza da família.

Para Henriques (2000):

os jovens encontram-se desarmados para escolher entre valores e contravalores e, sem capacidade de pensamento crítico que os ajude a discernir e eleger livremente, abundam as condutas individualistas e insolidárias, quando não mesmo a agressividade explícita, verbal ou física, contra companheiros e professores (p.38)

É importante que haja evolução, até porque é algo inevitável ao ser humano, contudo é ainda mais importante que este saiba acompanhar e não se perca. É urgente trabalhar no sentido em que tal evolução não seja apenas exterior, mas também interior, que os indivíduos não se preocupem somente em adquirir e exhibir o que adquiriram,

mas em adquirir com um propósito e partilhar o mesmo. Não está errado querer mais e melhor, desde que tal aconteça com o intuito certos e pelas razões adequadas.

Segundo Andrade (1992), “é necessário obter conhecimentos e debater valores, por um lado e, por outro lado, mobilizá-los nas decisões que conduzem à ação.” (p.24) Talvez o que falte um pouco nos dias de hoje é refletir sobre o que nos move, ponderar de forma séria o porquê de realizarmos determinada ação e as consequências que tal terá. É necessário debater, conversar sobre os valores, para que estes não sejam esquecidos nem se percam.

Neste momento, não nos será possível alterar a atualidade, mas é nos possível formar e educar as gerações futuras para que sejam melhores, para que reflitam e ajam com propósitos, não pensando apenas no seu ego, mas sonhando em sociedade. Para tal é necessário que a escola e a família trabalhem nesse sentido. Costa (2011) defende que “a escola e a família devem ajudar o adolescente a experienciar os valores na sua vida, com atitudes assertivas, encarando os problemas, refletindo nas possíveis decisões, para que ele próprio possa, em liberdade, definir a sua escala de valores.” (p.10) Contudo esta atitude não deverá ser tomada apenas na adolescência, mas sim desde a infância. Educadores, professores e principalmente a família, têm o papel de formar as crianças desde cedo, para que saibam definir-se e ser fieis aos seus princípios em todas as vertentes da sua vida, apenas assim, conseguiremos formar cidadão honestos, sinceros, com valores e intrinsecamente bons.

1.2 Educação de valores na família

1.2.1 Terminologia

Antes de tentarmos conhecer o papel da família na educação de valores, será importante compreender e definir o que de facto é a família, para que não nos percamos em pensamentos. Em Leandro (2006), podemos ler o seguinte:

a palavra *família* é de origem latina: apareceu em Roma derivada de *famulus*, que quer dizer servidor, mas não se aplica ao que entendemos actualmente por este termo. Na Roma Antiga *família* designava o conjunto dos escravos e dos servidores, mas também toda a *domus* (casa), isto é, todos os indivíduos que vivem sob o mesmo teto e os bens patrimoniais pertencentes a essa casa, numa hierarquia que mantinha, por um lado, o senhor e, por outro, a mulher, os filhos e os servidores, vivendo sob a sua denominação. (p.11)

À medida que o tempo vai passando, as ideias vão mudando, e o conceito de família não é uma exceção. Nos dias de hoje a noção de família já é outra, para Giddens (2007), família é "um grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças". (p.175) Vieira (2009) acrescenta ainda que a família "é o principal espaço de protecção da integridade pessoal dos seus membros, onde se preparam os primeiros projetos de vida, se transmite sabedoria que cruza cognitivo e emocional." (p.25)

Ao pensar em família associamos ao núcleo de pessoas que nos é mais próximo, aqueles com os quais crescemos e fomos educados. É da família que, inevitavelmente, recebemos os primeiros ensinamentos, pois são aqueles que estão mais próximos de nós. Disse o Papa Francisco, na catequese de dia sete de outubro de 2015:

a família introduz à necessidade dos laços de fidelidade, sinceridade, confiança, cooperação, respeito; encoraja a projetar um mundo habitável e a acreditar nas relações de confiança, também em condições difíceis; ensina a honrar a palavra dada, o respeito às pessoas, a partilha dos limites pessoais e dos outros

Tal como nos diz o Papa, é a família que nos educa, que nos transmite os seus princípios. É através da relação que temos com a nossa família que nos projetamos como seres que vivem em sociedade. É o respeito que demonstramos na família que iremos viver fora desta. Tal acontece pelo facto de a família ser constituída pelas pessoas mais próximas de nós, com as quais somos mais verdadeiros e autênticos. Completamos através do Catecismo da Igreja Católica:

A família é a célula originária da vida social. É ela a sociedade natural em que o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida. A autoridade, a estabilidade e a vida de relações no seio da família constituem os fundamentos da liberdade, da segurança, da fraternidade no seio da sociedade. A família é a comunidade em que, desde a infância, se podem aprender os valores morais, começar a honrar a Deus e a fazer o bom uso da liberdade. A vida da família é a iniciação à vida em sociedade. (p.542)

1.2.2 O papel da família na educação de valores

O papel da mulher na sociedade tem vindo a alterar-se ao longo dos anos. O que antigamente se via como uma dona de casa, que tinha como principal tarefa dedicar-se à família e aos filhos, nos dias de hoje toma-se como alguém que trabalha e tem uma

carreira profissional tão, ou por vezes mais, relevante que a do homem. Não podemos afirmar que os filhos passam para segundo plano face ao trabalho, mas podemos observar, que o tempo que os pais dedicam aos mesmos já não é idêntico.

Como consequência do aumento do nível de trabalho das mulheres, começa a observar-se cada vez mais a contratação de amas ou *babysitters*, para ficarem com as crianças todo o dia, ou depois da escola até à hora de jantar, momento em que os pais retornam a casa, cansados, após um longo dia de trabalho.

Não poderemos também deixar de referir o facto da reformulação das famílias, isto é, nos dias de hoje não encontramos apenas as famílias tradicionais, com pais casados e filhos. Segundo Clavel (2004), citado por Araújo (2008) " a partir da década de 60 do século XX verificaram-se grandes mudanças nas estruturas familiares com a consequente desagregação das relações e a “destruição dos laços familiares tradicionais e das solidariedades organizadas em torno do modelo da família alargada”". (p.45) Podemos observar várias famílias monoparentais, onde as crianças habitam apenas com o pai ou com a mãe. Como refere Costa (2011), as famílias tipo "puzzle" em que os pais se divorciam e se juntam a outras pessoas, logo as crianças vivem com a mãe ou o pai, o respetivo companheiro/a, os filhos deste segundo e possivelmente os filhos de ambos. Encontramos muitas vezes também crianças que, por opção da família, vivem com os avós ou com tios.

Perante tantas reformulações à família tradicional, é natural que as identidades se vão perdendo e a forma de viver com a mesma também. Alguém que foi educado por uma família tradicional é natural que necessite de aprender a educar os seus filhos numa família "Puzzle", pois nunca tendo passado pela situação, não saberá exatamente os sentimentos que poderão estar a ser sentidos pelos seus filhos.

Talvez o facto de os progenitores trabalharem mais, ajude a que sintam que precisam de mais momentos em família, tentando fazer render o tempo ao máximo, sem se preocuparem com desassossegos:

se por um lado se assiste à centralização da criança no seio da vida familiar, por outro é visível a tendência de dar à criança mais autonomia, liberdade e poder para se construir de forma mais independente da família e tornar-se um novo universo de valores, crescente em parceria e igualdade com o adulto e a quem se deve proporcionar realização, autonomia e a descoberta de identidade (Garção, 2010, p.10).

É fundamental que a família não se esqueça de que a educação começa cedo, logo na primeira infância, e nesse momento não saberá definir-se sozinho, precisando sempre do auxílio dos pais para o fazer. É importante que estes sejam guiados no seu caminho, para que saibam fazer as suas próprias escolhas, perante as situações adequadas, pois só assim saberão escolher mais tarde. Os valores devem ser transmitidos, através do exemplo. Hoje em dia as famílias educam consoante um "modelo mais informal ou mais democrático de relações intrafamiliares" (Goldani, 1993, p.100).

Para Costa (2011) "A grande educação que se dá aos filhos é vivendo de determinado modo; esta vivência é o modo mais convicto. Aprender a realidade é um momento educativo muito importante." (p.16) O ditado popular "faz o que eu digo, não faças o que eu faço", não é um modelo de transmissão de valores benéfico para a criança, pois o exemplo é de facto aquilo que nos marca. Enquanto crianças, apreendem com maior frequência aquilo que vivenciam, do que o que lhes é dito. Se estiverem constantemente perante maus exemplos, vão acabar por tomá-los como bons, pois é a realidade em se encontram.

No entanto é incontornável o facto de que "é à família que compete, através de valores há muito vinculados, exercer a socialização primária dos mais jovens." (Araújo, 2008, p.44) Acrescenta ainda Alexandre (2012) "a família constitui a primeira instância educativa do indivíduo. Este ambiente é o que desperta para a vida como pessoa, onde interioriza valores, atitudes, papéis e onde se desenvolve o processo fundamental da transmissão de conhecimentos, costumes e tradições." (p.18)

1.3 Educação de valores na escola

1.3.1 Terminologia

Estabelecimento de ensino, composto por alunos, professores e pessoal não docente, onde todos trabalham em prol do desenvolvimento pessoal e cognitivo de cada e qualquer aluno inserido no grupo. Esta poderá ser uma breve definição daquilo que cremos como escola nos dias de hoje.

Enquanto nos primeiros tempos da escola, o professor apresentava-se, dava a matéria, fazia exercícios e avaliava, repetindo o mesmo sistema as vezes que fossem necessárias até ao final do ano letivo, nos dias de hoje a escola tornou-se mais do que

uma mera instituição de transmissão de matéria. Podemos então caracterizá-la, como uma instituição que se propõe à transmissão de conhecimento, ou seja, não deixando nunca de lado o currículo formal, interessa-se por transmitir sabedoria, por fazer crescer pessoas de corpo e alma, por fazer da criança algo mais do que meros recetores de matéria. Assim:

A escola é um projecto em marcha que, necessariamente, brota de uma convicção que, por sua vez, radica num determinado modelo de um homem e de sociedade. A escola é uma concepção de vida em acção, em realização continuada e renovada pela incarnação de ideias, de saberes, de valores, de critérios, de atitudes, de comportamentos. Não há, portanto, educação e ensino alheios a preocupações de ordem filosófica, ideológica, política e religiosa. (Conferência Episcopal Portuguesa, p.12)

1.3.2 O papel da escola na educação de valores

A educação de valores inicia-se através da família, tal como já referimos anteriormente. Sendo estes os primeiros seres com quem a criança se depara é natural que assim o seja. Não será possível esquecer que, desde cedo, é obrigatório o ingresso à escola, ou mesmo não o sendo, a maioria dos pais acaba por deixar os seus filhos no jardim-de-infância como consequência do tempo ocupado pelos respetivos empregos. Deste modo, é natural que haja uma linha condutora que ligue a criança desde a escola, pois será o local onde se encontra mais horas do seu dia, até à sua família, comunidade que se encontra mais próxima de si e com quem criou maiores vínculos.

A escola tem esse papel fundamental, não permitir que os momentos nesta vividos sejam uma interrupção da vida familiar da criança. Ambas as instituições “nunca se devem separar e devem trabalhar em conjunto para ultrapassar todas as dificuldades que apareçam na vida da criança” (Santo, 2012, p.17). Como refere Pimentel (2010) “Existe um trabalho intenso, ao nível do primeiro ciclo do ensino básico no sentido de educar crianças e manter uma ligação com a família para conseguir o complemento educativo desejado” (p.84).

O professor é também muitas vezes conhecido pelo educador e tal denominação não se dá ao acaso. Verifica-se, pois de facto uma das principais funções do professor é educar, e tal como refere McGettrick (1995, cit por Pires, 2007) “Education without values is likely to be empty, irresponsible and without application to the contemporary world.” (p.115) Acrescenta ainda Pires (2007), que é imperativo para o professor o

desafio de tornar conscientes os valores que procura promover, discutindo e assumindo-os como seus. Segundo Ricotta (2006) “as pessoas tornam-se modelos de transmissão de valores pelos quais pautam a vida. E, como professores, tais conceitos influirão diretamente nas escolhas e possibilidades dos alunos” (p.107). Infelizmente, atualmente é possível observar, em muitas escolas, esta ausência de educação, reinando a instrução, ou seja, a transmissão de conhecimentos obrigatórios pelo currículo nacional. O que ainda nos deixa qualquer alento é o facto de que, inevitavelmente, qualquer professor acabará sempre por educar, pois “os valores estão presentes, consciente ou inconscientemente, em toda a atividade escolar.” (Pires, 2007, p.116) Reforça ainda o autor:

mas é, possivelmente, através do currículo implícito que a escola passa a mais forte mensagem no domínio dos valores. A forma como comunicamos com os nossos alunos, a capacidade que demonstramos para os ouvir e compreender, a maneira como os sabemos valorizar têm, sem sombra de dúvida, grande influência na sua auto-estima. (p.116)

Algo que idilicamente é inevitável, muitas vezes tem de se tornar forçado, ou seja, se antes a família tinha o principal papel de transmitir valores e a escola apenas o fazia por acréscimo, por estar implícito em qualquer relação humana, nos dias de hoje, talvez consequentemente do excesso de trabalho dos pais, tal já não acontece, pelo que a escola se vê obrigada a intervir nesse sentido. “Quando a família socializava, a escola podia dedicar-se a ensinar. Agora que a família não cumpre plenamente o seu papel socializador, a escola não só não pode efetuar a sua tarefa específica com a eficácia do passado, como também começa a ser objeto de novas exigências para as quais não está preparada.” (Conferência Episcopal Portuguesa, p.51)

1.4 A urgência de educar para valores

É urgente atuar perante tal situação. Todos devemos acompanhar a evolução da sociedade, só assim é concebível evoluir, no entanto, não é possível que se deixem certos princípios para trás. A família tem de manter a sua função primária de transmitir valores, usufruindo da escola sempre como um apoio, não fazendo o contrário. Se as mães trabalham mais do que antigamente, será necessária uma reestruturação da família, uma organização interna que não comprometa a educação da criança. A escola não deve

ser a fonte primária de transmissão de valores e a família um complemento, é fundamental que as famílias atuais compreendam e se moldem perante tal situação.

enquanto em 1950 os três primeiros factores eram, por ordem de importância, a casa, a escola e a igreja, seguidos, de longe, pela influência dos pais e pela televisão (que, nessa altura, dava os seus primeiros passos), em 1990 a ordem dos factores é completamente invertida: os primeiros dois factores registados são os pais e a televisão; a casa, a escola e a igreja, são relegados para longínquos terceiro, quarto e quinto lugares! (Carneiro, 2009, p.24)

Não é possível que fiquemos indiferentes perante tais números. A tecnologia evoluiu, contudo, a sociedade não está a saber acompanhar essa evolução de forma saudável. O autor completa informando que nos dias de hoje as crianças ocupam 35h semanais a ver televisão, no entanto, não são expostas a mais de 35 minutos por semana, a momentos de conversação.

É urgente intervir. É urgente tomar uma posição perante tais números. Devemos fazê-lo como membros da sociedade que somos. Ao refletirmos sobre os valores e a educação das crianças, estamos a refletir sobre o futuro da nossa sociedade.

Como já retratamos anteriormente, a educação de valores é algo que deve acontecer diariamente, de forma continuada, a partir dos vários agentes de educação. Neste sentido, é necessário que tanto as escolas como as famílias reavaliem o seu papel e tentem reestruturar os seus métodos, para que tenham uma maior capacidade de resposta às necessidades das crianças atuais. Tal como nos diz Rosa (1998):

Aprendamos com as crianças e jovens o chamamento que nos fazem, em vez de lhes impormos “valores” que os vão afastando de nós, a ponto de, lançados para a margem, já nem sequer nos fazerem qualquer sinal. Talvez aprendamos, então, que o outro e o mundo nos apelam, que são objetos de desejo e de sedução. E, bem ao modo aristotélico, poderemos então perceber que o único princípio a que podemos recorrer é a existência que percorremos juntos e o fim que juntos construímos. (p.146)

Como nos diz Amaral (2009) "A pergunta final é como levar a cabo este desafio. Tal como nas empresas, faz-se. Basta querer." (p.107) Basta que nos sintamos verdadeiramente membros de uma sociedade, que perante os direitos e deveres que nos são delegados, sejamos capazes de atuar e dar o nosso contributo para a construção de um caminho de valores.

CAPÍTULO 2 – PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA

O presente capítulo destina-se à exposição da metodologia utilizada para a execução da investigação, bem como de todos os instrumentos e participantes que contribuíram para a sua realização. Todos eles serão apresentados de forma clara e detalhada, de modo a justificar os métodos escolhidos. O capítulo encontra-se organizado nas seguintes partes: 2.1. Problemática do estudo; 2.2. Paradigma Qualitativo Interpretativo; 2.3. Design do estudo - Entrevista semi-estruturada; 2.4. Participantes; 2.5. Instrumentos de recolha de dados; 2.6. Análise de conteúdo das entrevistas.

2.1. Problemática do estudo

Nos dias de hoje sentimos que é vivida uma grande crise de valores, algo bem explícito que pode ser observado em múltiplas interações humanas que se dão quotidianamente. Interações tão simples como uma ida ao supermercado, alguns minutos no trânsito ou até mesmo um momento num centro de saúde. Por vezes, são momentos aos quais não fazemos parte, mas através da observação conseguimos senti-lo, por exemplo, numa conversa entre um pai e um filho. Como nos diz Henriques (2000) "A educação para a cidadania toca todos os registos da existência humana: desde as redes de proximidade da família, escola e comunidade local, até aos grandes espaços públicos da vida nacional, e das suas pertenças europeia, lusófona e global, no caso português." (p.37)

Sentimos esta crise de valores, não só, mas principalmente nas gerações mais jovens. Se assim acontece, o que será que mudou para esta crise de valores surgir? Será que as famílias não estão a dar a educação correta? Será que as escolas e os professores não estão a corresponder às necessidades dos seus alunos? Estas são algumas questões que colocamos, a partir do problema que nos chama a atenção, a verdadeira crise de valores.

"Em Portugal, como nos demais países europeus, as leis orgânicas dos sistemas educativos enfatizam a convivência, a tolerância e a solidariedade mas a realidade evidencia carências, insegurança e violência crescentes" (Henriques, 2000, p.38). Foi perante tal preocupação, que sentimos necessidade de perceber um pouco melhor a

causa desta crise. Ou pelo contrário, uma vez que tal não seria possível de apurar, sendo que vivemos em sociedade e tudo o que nela acontece advém de uma cadeia de comportamentos de inúmeros indivíduos, optámos por tentar compreender qual o papel dos professores de primeiro ciclo para a educação em valores.

Se existe uma crise de valores atual, é fundamental que se compreenda o papel de cada instituição na formação pessoal e social do ser. Assim, optámos por investigar o papel do professor do primeiro ciclo, uma vez que é com este que a criança passa a maioria do seu tempo semanal, tendo o mesmo como um modelo e exemplo a seguir. Fizemo-lo recorrendo ao ponto de vista de diversos autores de referência, bem como do testemunho de alguns professores primários e agentes da área dos valores.

Optámos por recorrer às duas fontes referidas no parágrafo anterior, pois sentimos necessidade de analisar opiniões de vários sujeitos. Opiniões daqueles que estudam o tema e investigam, bem como de opiniões daqueles que lidam e trabalham com os alunos e em valores no seu dia-a-dia. Sentimos que seria também uma mais valia obter testemunhos reais, pois assim, poderiam observar o modo como cada sujeito se referia ao tema, as suas vivências, as suas expressões, só assim conseguiríamos captar um pouco mais do que os documentos nos podem dar.

2.2. Paradigma Qualitativo Interpretativo

O objetivo principal do presente estudo é compreender, através de uma abordagem direta, o papel dos professores primários face à educação de valores. Compreender o papel que assumem atualmente e qual a opinião de alguns professores sobre o mesmo. Deste modo, todos os dados recolhidos através de entrevistas e conversas informais, serão analisados de forma indutiva, com o intuito de chegar a uma resposta válida através do ponto de vista dos entrevistados.

O estudo enquadra-se num paradigma qualitativo-interpretativo, uma vez que todas as respostas dadas pelos entrevistados serão analisadas e interpretadas pelo investigador, analisando os resultados de forma indutiva, com o intuito de dar respostas às questões colocadas.

Este tipo de investigação pressupõe uma fonte de dados direta a partir de um ambiente natural, sendo o investigador o instrumento principal da mesma. O investigador interessa-se por conhecer o contexto do entrevistado, para que possa estar

mais comprometido com as situações. Este preocupa-se em compreender a visão dos sujeitos, a conhecer as suas vivências e perspectivas. Deste modo, será importante ressaltar que este tipo de investigação não tem por objetivo generalizar resultados, mas sim torná-los específicos de modo a apresentar percepções de diferentes pontos de vista, a partir de sujeitos únicos. Segundo Bogdan & Biklen (1994):

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. O investigador coloca constantemente questões (...) Nada é considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação. (p. 49)

A investigação qualitativa prende-se com a descrição, ou seja, ao contrário da investigação quantitativa que se baseia em números e estatísticas, esta apenas assenta em opiniões, vivências e perspectivas observadas ou relatadas ao investigador, para que este mais tarde as analise e descreva em forma de palavras ou, se necessário, imagens.

Segundo Bogdan & Biklen (1994), o paradigma interpretativo apoia-se fundamentalmente na relação mútua objeto/sujeito e a influência do mesmo entre a teoria e a prática. Contudo, é importante referir que neste tipo de paradigma pode existir um risco de subjetividade, uma vez que as características pessoais do investigador têm consequentemente influência no processo de investigação. Como acrescenta ainda o autor "os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências e pontos de vista do informador." (p.51)

Sintetizando um pouco o que foi registado a cima, segundo Bogdan & Biklen (1994), a investigação qualitativa pressupõe cinco características fundamentais, sendo elas: 1- O ambiente natural como fonte direta de dados; 2- A investigação quantitativa é descritiva; 3 - Os investigadores qualitativo interessam-se mais pelo processo do que simplesmente por resultados ou produtos; 4- Os investigadores quantitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; 5 - O significado é de importância total na abordagem qualitativa.

2.3. Design do estudo - Entrevista semi-estruturada

A entrevista é um processo de interação social entre entrevistador e sujeito, que tem como intuito conhecer a perspectiva, o sentido e o significado que o sujeito atribui a determinado tema.

O entrevistador prepara o momento, criando perguntas para que o sujeito vá de encontro ao que o primeiro necessita, no entanto, a entrevista semi-estruturada dá oportunidade para que ambos dialoguem e enverguem por caminhos não planeados, se tal se proporcionar. Como afirma Aires (2015) "A entrevista compreende, assim, o desenvolvimento de uma interação criadora e captadora de significados em que as características pessoais do entrevistador e do entrevistado influenciam decisivamente o curso da mesma" (p.29).

Completa ainda Manzinni (1991, p.154), afirmando que a entrevista semi-estruturada tem como foco principal o tema da entrevista, a partir do qual o entrevistado formulou um guião com um conjunto de questões básicas e primordiais, sabendo que destas poderão advir outras. A entrevista semi-estruturada tem a particularidade de, mesmo tendo como base um guião, permitir que a relação que se cria entre entrevistador e entrevistado, possa tomar conta do momento e levar ambos para o caminho que pretenderem. Caminhos estes que poderão enveredar por outras questões não planeadas e até mesmo, revelar informação relevante para o estudo, que talvez numa entrevista estruturadas não tivesse a oportunidade de surgir.

Aires (2015), salienta o facto de a entrevista ser um momento onde ambos os participantes negociam constantemente o próximo passo, ou seja, o entrevistador não conduz a entrevista, de modo algum, para um caminho que não seja do consentimento do entrevistado, pois será definido *à priori* a possibilidade de desistência ou de silêncio do sujeito a qualquer momento da entrevista. Tal acontece para que o entrevistado sinta confiança e à vontade com o entrevistador, de modo a dizer tudo aquilo que for necessário, sem temer qualquer consequência. Refere-o o autor:

O encontro que a entrevista proporciona, entre entrevistador e entrevistado, prevê a existência de um pacto ou de um contrato que integra, inicialmente, um conjunto de parâmetros integradores dos saberes mínimos partilhados pelos sujeitos que dialogam. Este pacto é negociável ao longo da entrevista, possibilitando a redefinição do sentido do discurso. (p.32)

Para que este processo se dê de forma serena, existindo de facto uma relação entre os dois, ou mais, intervenientes da entrevista, é realmente necessário que se crie uma relação, como já foi referido anteriormente. Para tal, Bogdan & Biklen (1994, p.135), sugerem que haja um momento de relaxamento antes de iniciar a entrevista. Um momento em que se conversam temas triviais como futebol, por exemplo, para que se crie um ambiente tranquilo e próximo, que dê continuidade e uma base ao momento que se seguirá.

2.4. Participantes

Atendendo aos objetivos principais definidos para o presente estudo, a escolha dos participantes foi feita intencionalmente, tendo em conta o contexto educativo em que lecionam os entrevistados, os anos de serviço, bem como o conhecimento prévio a cerca da prática exercida por cada um deles.

Escolheu-se entrevistar cada um dos participantes, de modo a beneficiarmos do contributo de sujeitos empregados em situações diferentes, ou seja, decidimos entrevistar dois professores com experiência no setor privado e dois do setor público. Surgiu ainda a possibilidade de entrevistar alguém ligado a um programa de inserção de valores nas escolas e sentindo que poderia ser benéfico para o estudo, não perdemos a oportunidade.

Esta diversidade de participantes deu-se de forma intencional, com o intuito de dar a conhecer diferentes perspetivas, provenientes de diferentes contextos, contribuindo para uma maior viabilidade do estudo.

O convite às professoras C.R. e H.A. deu-se a partir do conhecimento prévio do trabalho de ambas. Por serem pessoas, que sentimos estarem repletas de valores, pessoas integras e bem formadas, sentimos serem uma mais-valia para o estudo, através do testemunho individual de cada. A participação do administrador L.C. surgiu a partir de um contacto que nos alertou para a qualidade do trabalho do mesmo, realçando poder ser um contributo para o estudo. Deste modo, participaram no estudo as professoras C.G., C.R., H.A., R.J. e o administrador L.C.

Entrevistada C.G

C.G. é uma professora primária com 30 anos de idade. Licenciada em Educação Básica pela Escola Superior de Educação de Setúbal, optou por tirar mais tarde o Mestrado em Educação Social – intervenção com crianças e jovens em risco, pelo Instituto Superior de Ciências Educativas. Neste momento encontra-se a fazer uma substituição no Colégio do Bom Sucesso, instituição onde realiza substituições de professores quando necessário, no entanto os seus nove anos de experiência profissional caracterizam principalmente por lecionar no setor público, principalmente em AEC's (Atividades de Enriquecimento Curricular).

Entrevistada C.R.

C.R. nasceu a 18 de agosto de 1983, é assim uma mulher de 32 anos de idade. Licenciou-se em educação básica no Instituto Superior de Educação e Ciência e realizou o Mestrado em museologia serviços educativos pelo Instituto Superior de Educação e Ciências. Mais tarde optou por frequentar o doutoramento em Ciências da Educação na Universidade de Évora.

C.R. é professora há 11, sendo que foram todos exercidos em colégios privados. Em primeiro lugar no Externado "O Nosso Jardim", onde trabalhou 9 anos, tendo depois passado a lecionar na Associação Ester Janz, onde se encontra a completar o segundo ano letivo.

Entrevistada H.A.

H.A., uma professora primária de 47 anos de idade, que se encontra atualmente a lecionar no colégio do Bom Sucesso. Terminou a Licenciatura na Escola Superior de Educação João de Deus em 1994, acumulando assim 22 anos de experiência profissional. Acabada de formar, integrou o corpo docente de uma escola privada, de onde saiu, anos depois, para ingressar no colégio do Bom Sucesso, fazendo apenas uma breve passagem de um ano letivo, por uma escola pública no bairro da Lapa, em Lisboa.

Atualmente encontra-se com um grupo de terceiro ano, cujo acompanha desde o primeiro ano.

Entrevistada R.J.

R.J. tirou o Curso Magistério Primário, de onde partiu para a vida profissional como professora primária. Mais tarde, ingressou na Licenciatura em educação básica no Instituto Superior de Educação e Ciências, tendo esta sido finalizada em 2003. Aos 50 anos de idade e após 28 anos de experiência profissional, exerce o cargo de coordenação de escola e professora de apoio na Escola E.B.1 n°1 de Benavente. Todos os anos de ativo que acumula foram executados em escolas públicas.

Neste momento, tem ainda a ambição de completar o grau de mestre, caso as circunstâncias o permitam.

Entrevistado L.C.

L.C. é um homem de 38 anos que se caracteriza por ter uma forte preocupação em relação à educação para valores. Licenciou-se em Sociologia pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa e posteriormente, por motivos profissionais, fez o doutoramento em Ciências da Educação pela Universidade Católica de Lisboa, onde utilizou o tema “Literacia Social – Os valores como fundamento de competências” para a sua tese.

L.C. é um dos principais fundadores do programa Led on Valeus, um programa iniciado em 2009, que tem como principal objetivo integrar os valores na escola. Como nos diz o próprio entrevistado, através deste programa “fornecemos aos professores e às escolas, recursos e ferramentas para reintegrarem os seus programas curriculares na vocação mais abrangente que é educar.” (Anexo 7, linha 175) Este funciona com base em formações a professores e alunos, oferecendo posteriormente recursos para que os professores tenham sempre a oportunidade de trabalhar valores, no dia-a-dia, através de material previamente estruturado. O projeto surgiu perante a preocupação de educar e de o executar de forma plena. Segundo L.C. “Temos um sistema educativo totalmente desequilibrado no que respeita às competências curriculares e às transversais, ao conhecimento explícito e ao tácito, à técnica e aos valores” (Anexo 7, linha 169), o que levou a tomar uma atitude.

Mais tarde, em janeiro de 2016, fundou a Universidade dos Valores, um espaço físico onde agrega todo o suporte do programa Led, bem como uma equipa de investigação com quem trabalham. Nos seus sete anos de ação, este projeto já chegou a mais de 700 escolas por todo o país, mais de 2.500 professores formados com uma

certificação do conselho científico pedagógico e mais de 2.000 professores com formação certificada em ética no desporto.

2.5. Instrumentos de recolha de dados

Tal como foi esclarecido anteriormente, o paradigma referente ao presente estudo designa-se por Qualitativo-Interpretativo, como tal, todos os instrumentos utilizados para a recolha de dados foram selecionados para melhor interpretar as considerações feitas a partir da perspetiva pessoal dos participantes chegando a um maior entendimento do tema abordado. Deste modo, optamos por utilizar a entrevista semi-estruturada, conversas informais e a recolha documental. A utilização destes instrumentos contribuíram para a compreensão e complementação das informações obtidas através das entrevistas, garantindo assim a validade dos dados recolhidos e permitindo um acesso a uma quantidade significativa de informação importante.

Entrevista semi-estruturada

Ao longo do estudo foram realizadas cinco entrevistas semi-estruturadas, com questões definidas antecipadamente referentes à temática abordada. Estas foram estruturadas, de acordo com o nosso conhecimento prévio, acerca das características profissionais de cada entrevistado. Todos os sujeitos que participaram no estudo foram contactados pessoalmente para a realização da entrevista, para que pudessem ficar a par da temática e objetivos principais da mesma, compreendendo a importância da sua participação para o acesso a informações relevantes para este estudo.

Cada entrevista foi realizada em data, hora e local agendada pelo entrevistado, de modo a irmos ao encontro da disponibilidade de todos os sujeitos. Nem todas as entrevistas tiveram a mesma duração, uma vez que todos os indivíduos são diferentes e reagem de formas diferentes a situações semelhantes, no entanto a duração das entrevistas esteve entre os 30 e os 60 minutos.

Os guiões das entrevistas foram idênticos para todos os entrevistados, à exceção do entrevistado L.C. que por ter uma profissão diferente, sentimos a necessidade de criar algumas questões específicas que nos poderiam trazer mais benefícios e mais informação relevante para o estudo. À medida que cada entrevista foi se desenrolando,

foram surgindo outras perguntas pertinentes que nos ajudaram a recolher informação mais pormenorizada.

Conversas informais

As conversas informais são uma fonte bastante privilegiada de informação recolhida através do contacto direto e das interações estabelecidas entre pessoas, possibilitando-nos recolher dados importantes para a realização do estudo. Tivemos a oportunidade de as manter com todos os entrevistados, o que permitiu criar um ambiente mais próximo com todos os sujeitos e obter informação relevante que talvez de outra forma não seria possível.

Recolha documental

A recolha documental foi um processo que foi efetuado ao longo de todo o estudo. Numa fase inicial, de modo a sustentar as perguntas de partida, bem como as entrevistas que dariam corpo à investigação. Este tipo de recolha de informação é bastante importante pois permite ao investigador uma consulta repetida da perspetiva de múltiplos autores de referência acerca do tema abordado no estudo. Esta foi realizada com o intuito de recolher informação sobre o assunto abordado.

Este é um dos métodos de recolha de informação fundamental para qualquer tipo de investigação, pois dá-nos diferentes perspetivas acerca do mesmo assunto. Perspetivas essas de identidades de referência, que já estudaram o mesmo tema, ou fazem-no incessantemente, de modo a contribuir para uma investigação intemporal e contínua.

2.6. Tratamento e análise de dados

Posteriormente à recolha de dados, através de entrevistas, conversas informais e recolha documental, foi necessário recorrer ao tratamento e análise pormenorizada dos dados recolhidos. Assim, o procedimento esteve organizado em quatro etapas: 1- elaboração do guião da entrevista; 2- realização das entrevistas; 3- transcrição das entrevistas; 4- análise de conteúdo das entrevistas.

2.6.1. Elaboração do guião da entrevista

Para que o autor elabore um guião de entrevista que vá de encontro aos objetivos específicos do estudo, é necessário que este formule uma série de questões às quais os entrevistados possam responder e contribuir para a investigação de forma benéfica. As questões presentes no guião devem seguir uma sequência lógica e organizada.

Antes da realização da entrevista, é necessário que o investigador tenha conhecimento das possíveis técnicas de recolha de dados, para que selecione as que melhor se adequam ao seu estudo. Nesta fase será também fundamental que exista algum contacto com os entrevistados, não só para que acordem a data, o local e a hora para realizar a entrevista, mas para informar os entrevistados dos objetivos do estudo, reforçando as razões principais que levaram a abordar o tema em questão, para que os entrevistados também se interessem e se sintam motivados para participar e dar o seu contributo ao estudo.

O guião da entrevista foi pensado de modo a que as respostas pudessem ir de encontro aos objetivos do estudo. Assim, numa primeira parte os entrevistados são interrogados a cerca da sua visão de valores. O segundo momento, recai sobre o processo de transmissão de valores, bem como a perspetiva e opinião pessoal de cada entrevistado a cerca do mesmo. Finalmente, as ultimas questões destinam-se à crise de valores atual e qual o papel do professor, bem como os desafios inerentes ao mesmo, no que relaciona a educação em valores.

2.6.2. Realização da entrevista

A entrevista realizou-se de uma forma informal e descontraída com todos os entrevistados. Num primeiro momento foram colocadas questões referentes ao entrevistado, de modo a que pudesse ser feito um enquadramento pessoal de cada sujeito. De seguida, o entrevistador seguiu o guião previamente redigido, sendo que em alguns momentos surgiram outras perguntas que foram enriquecendo cada entrevista. Todas as questões que surgiram fora do guião, foram colocadas na transcrição como alíneas (ex. questão 1.1). Por vezes, a ordem das questões poderá ter sido alterada, bem como a formulação das mesmas. Tais alterações ocorrem, devido ao rumo que uma conversa entre dois indivíduos pode tomar, muitas vezes não percebendo algo de

imediate, ou envergando caminhos não planeados. No entanto, é fundamental que o investigador não interfira no raciocínio do entrevistado, ou seja, este tem de o deixar falar e expor todas as suas opiniões, passando para a pergunta seguinte apenas quando sentir que o sujeito terminou o seu pensamento. Como nos diz Bogdan & Biklen (1994):

O entrevistador poderá pedir uma clarificação no caso do respondente mencionar algo que lhe pareça mais estranho, utilizando frases como: “O que quer dizer com isso?” “Não tenho a certeza se estou a seguir o seu raciocínio.” “Pode explicar melhor?” (p. 136)

As entrevistas foram realizadas em locais definidos por cada entrevistado, no entanto, houve apenas um que optou por não a realizar no seu local de trabalho. A entrevista a C.R. realizou-se em sua casa, devido ao facto da entrevistada se encontrar em licença de maternidade. Optámos por realizar cada entrevista em locais escolhidos pelos sujeitos, para que estes se sentissem inteiramente confortáveis e disponíveis para partilhar as suas experiências.

Todas as entrevistas foram acompanhadas de gravação áudio, no entanto, tal foi possível pois todos os sujeitos concordaram e estavam ocorrentes da situação desde o início da entrevista.

2.6.3. Transcrição das entrevistas

Posteriormente a cada entrevista, foi necessário recorrer à transcrição da mesma de modo a ser possível analisar a informação recolhida. Foi possível fazê-lo, uma vez que esta estaria integralmente gravada. Em cada entrevista foi colocada uma numeração de linhas para facilitar uma posterior análise do conteúdo.

Este método é bastante benéfico para o investigador, não só para que o mesmo possa ter um novo olhar sobre cada entrevista, mas para que possa analisar claramente e refletir sobre as respostas de cada sujeito, as vezes necessárias, tendo em conta a forma como cada um falou ou colocou determinado assunto. Esta transcrição foi realizada inteiramente pelo investigador, no entanto, foi pedido a outros indivíduos que realizassem uma leitura, de modo a ter uma segunda visão sobre a construção frásica e pontuação, para que fosse transcrito da forma mais real possível, pois muitas vezes a

expressão dos sujeitos, bem como pausas ou hesitações, poderiam não estar bem explícitas quando transcritas.

O processo de transcrição da entrevista, possibilita-nos uma análise mais pormenorizada das considerações feitas por cada entrevistado, acompanhando a sua linha de raciocínio lógico, podendo encontrar semelhanças e divergências entre as suas ideias, registando notas relevantes para a análise subsequente dos dados empíricos.

2.6.4. Análise de conteúdo das entrevistas

Após a realização das entrevistas, é necessário que se faça uma análise de conteúdo das mesmas, de modo a compreender e interpretar as considerações dos entrevistados. Como nos diz Bardin (1997), entende-se por análise de conteúdo:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 42).

Para a análise de conteúdo das entrevistas que se realizou, foi utilizado o método de análises a partir de categorias, ou seja, perante a informação recolhida, esta foi agrupada em categoria e subcategorias, com o intuito de agrupar toda a informação recolhida ao longo da investigação. Para que se torne mais explícito, deixamos as palavras de Bardin (1997):

Imagine-se um certo número de caixas, tipo caixas de sapatos, dentro das quais são distribuídos objectos, como por exemplo aqueles, aparentemente heteróclitos, que seriam obtidos se se pedisse aos passageiros de uma composição de metro, que esvaziassem as malas de mão. A técnica consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios susceptíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir numa certa ordem na confusão inicial. (p.37)

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente capítulo apresenta uma consideração reflexiva sobre os resultados obtidos ao longo do estudo, de acordo com o quadro de referência teórico previamente apresentado, de modo a evidenciar os aspectos mais relevantes das entrevistas realizadas. Este capítulo subdivide-se em três partes: (3.1.) Perspetivas atuais sobre os valores, (3.2.) A transmissão de valores pela família e pela escola, (3.3.) A crise de valores na sociedade atual.

3.1 Perspetivas atuais sobre os valores

Como já foi referido anteriormente, a noção de valores é algo ambíguo, uma vez que pode não ter o mesmo significado para todos, ou por outro lado, nem todos definem valores do mesmo modo. Tal como refere Pereira (2014):

não é uma fácil definição, uma vez que esse construto é passível de modificações a depender do contexto sociocultural. O conceito apresenta, porém, algum aspecto uniformizador. Entende-se como valores morais tudo aquilo que faz parte de um sistema simbólico compartilhado, socialmente valorizado em termos de estilo de vida, julgamentos e ações humanas para convivência social. (p.34)

No entanto, a partir das entrevistas realizadas, foi possível observar que, apesar das definições dadas a valores por cada um serem diferentes, todas acabam por se unir em algum ponto do seu caminho. Vejamos.

A professora C.G. defende que “a questão dos valores tem muito a ver com a questão do saber conviver com os outros, saber viver em sociedade.” (Anexo 3, linha 4) A professora R.J. concorda com a primeira, acrescentando ainda que para além de ser algo que nos orienta e guia, os valores fazem parte da base da educação “os valores já foram interiorizados na nossa infância, pela família, pela escola.” (Anexo 6, linha 9) As professoras C.R. e H.A., apoiam esta definição de que valor é algo que nos é transmitido pela família logo nos primeiros tempos de vida e que posteriormente nos vai auxiliar na tomada de decisões futuras, tal como afirma o administrador L.C. definindo valores como “guias que nos orientam para tomar decisões que depois afetam as nossas

atitudes, os nossos comportamentos e as nossas práticas, e nesse sentido são princípios fundamentais que orientam a conduta humana." (Anexo 7, linha 2)

L.C. na sua entrevista, referiu um critério para definir valores que sentimos ser algo pouco comum, mas bastante interessante. Tal como refere o próprio:

nós vemos muito o amor como sendo um critério fundamental para a definição de valores, porque o amor é mais orientado ao outro do que a nós próprios, não é só bom para mim. Nós podemos avaliar outros valores com base nesse padrão. (Anexo 7, linha 26)

Através do critério exposto por L.C. é possível compreender diversas atitudes, ponderá-las e descodificar se estamos a executar uma boa ação ou não. Se colocarmos amor em tudo aquilo que realizamos, inevitavelmente estaremos a realizar boas ações, pois amor é querer o bem do outro e ações com amor, são ações que fazem bem ao outro. Podemos comprovar que tal critério é de facto válido através dos valores que os entrevistados definiram como fundamentais para a formação pessoal e social do ser. Foram enumerados valores como o respeito, a honestidade, a sinceridade, a amizade, a igualdade, a liberdade, a paz, a justiça, a tolerância ou a compaixão. Todos eles valores de ordem democrática, mas que de facto, se interiorizados com amor, serão sempre bons valores. Por exemplo, a liberdade, apenas com amor seremos capazes de perceber onde termina a nossa liberdade e começa a do outro. No entanto, a professora C.R. ainda nos aludiu a um outro valor que poderá também ser um critério para compreender os valores, a fé. Tal como nos diz "porque a fé é pôr esperança nas várias coisas" (anexo 4, linha 13).

3.2 A transmissão de valores pela família e pela escola

Após uma breve introdução acerca da ideia que cada entrevistado tinha sobre valores e dos valores que acreditam ser fundamentais na vida de cada pessoa, decidimos investigar o processo de transmissão de valores que cada um tomava como mais acertado, bem como a noção que cada entrevistado tinha da realidade com que se deparava.

Apurámos a existência de uma ideia unânime a todos os entrevistados. Todos eles, exprimiram a convicção de que a transmissão de valores é algo que deve acontecer

principalmente em casa, acabando posteriormente por ser completada pela escola, tal como afirma Silva 2007:

a escola é uma instituição social que existe para dar continuidade à educação iniciada na família. Como primeira comunidade, a família, já foi dito, tem um papel crucial na formação inicial do indivíduo, mas é a escola que tem a responsabilidade de complementar sua formação pessoal e social (p.51).

A professora C.G. afirma que "a base da pirâmide tem de ser trabalhada em casa." (Anexo 3, linha 41), ao que H.A. concorda plenamente, "eu acho que esses princípios vêm de casa." (anexo 5, linha 20) completando ainda que "A família é o essencial." (Anexo 5, linha 40). No entanto, apesar de todos os entrevistados concordarem neste ponto, nenhum deixa de parte o facto de a escola estar inteiramente presente na tarefa de transmitir valores, pois tal como afirma L.C. "Não é possível educar sem valores." (Anexo 7, linha 50) Contudo, não será viável esquecer que cada um dos entrevistados frisa o facto de que a família é a instituição que tem o maior dever de transmitir valores, sendo a escola apenas um complemento, uma vez que, tal como refere o administrador L.C. "Todas as entidades estão a transmitir valores e portanto não se devem distanciar dessa responsabilidade." (Anexo 7, linha 48)

Por vezes nem tudo o que idealizamos é o que acontece na realidade. Através das entrevistas realizadas, conseguimos compreender que atualmente o papel de transmissão de valores está a ser maioritariamente deixado para a escola, tal como indica a professora C.R. "Infelizmente acho que vai sendo cada vez mais deixado para a escola." (Anexo 4, linha 28) Contudo, as professoras R.J. e H.A., não concordam inteiramente, referindo que apesar de não ocorrer da forma ideal, a família continua a ter um papel principal na transmissão de valores, mesmo que seja, como diz o administrador L.C. "As famílias também transmitem os valores que assumem como prioritários e muitas famílias e jovens pais, têm uma grande confusão de valores." (Anexo 7, linha 66)

Silva (2007) afirma que:

A escola e a família não podem funcionar em paralelo, mas ambas deverão interligar-se para melhor servir cada pessoa humana. Se a família não consegue acompanhar como desejaria a educação dos filhos, também não pode despejá-los na instituição escolar, responsabilizando unicamente os professores pelo acto educativo. (p.52)

Seguindo o autor, até os entrevistados que assumem a existência de transmissão de valores dentro do seio familiar, discordam com a realidade atual. Ou seja, sentem que independentemente de existir essa transmissão em casa, esta não deixa de ser bastante exigida à escola, mais do que o recomendado. Vejamos através das palavras de cada entrevistado. A professora C.G. diz "não posso de todo concordar com este tipo de situação." (Anexo 3, linha 92), enquanto a professora C.R. afirma "Não, mas infelizmente é a realidade da nossa sociedade." (Anexo 4, linha 39). Por sua vez as palavras da professora H.A. são "Não, mas também acontece pontualmente nós termos uma influência maior.", finalmente a professora R.J. continua a concordar com as colegas "Não. Não devia, mas hoje em dia responsabiliza-se muito a escola por inculcar esses valores." (Anexo 6, linha 40)

Musgrove (2001), citado por Silva (2007) defende que "a escola tem sido encarada, muitas vezes, como uma ameaça ao lar (...) no enfraquecimento do sentido de responsabilidade dos pais, ao assumir os deveres dos cuidados infantis que, legitimamente, deveriam caber aos pais." (p.51) Nos dias de hoje a escola assume, por vezes, um papel que deveria caber à família. É sentido pelo corpo docente, um desprendimento da parte da família no que se relaciona com a transmissão de valores, como refere a professora H.A. "acho que às vezes a escola funciona como um depósito." (Anexo 5, linha 134), ao que a professora C.G. acrescenta "os pais passam um bocadinho a bola para a escola." (Anexo 3, linha 188) Analisemos então o que foi dito pela professora C.R.:

Eu acho que os encarregados de educação já se esqueceram mesmo dos valores. São poucos os pais que aparecem e que se sente que para além da aquisição de conhecimentos há a formação pessoal enquanto criança e futuro adulto. A maior parte dos pais hoje em dia, o que quer é que o filho seja o melhor aluno e esquecem-se que há lá outros trinta. Quer dizer, é impossível ser o melhor aluno. Acima de tudo, aquilo que eu como professora peço é que o meu aluno seja o mais completo possível, é que tenha a parte dos valores, que tenha a aquisição de conhecimentos e desde que ele dê o melhor e aquilo que o seu esforço permitiu, todos eles chegam lá. Não é por ser melhor na matemática ou no português que vou ser melhor pessoa. Acima de tudo, eles têm de ser pessoas equilibradas e completas. Muitos pais esquecem-se hoje em dia dessa parte, a preocupação deles é o nível académico e depois falta a outra parte. (Anexo 4, linha 133)

Apesar de ser sentido pelas professoras entrevistadas que o papel de transmissão de valores é muito deixado para a escola em detrimento da família, é unânime nas

entrevistadas, que mesmo assim existe uma ligação entre ambas as instituições. Como menciona Araújo (2008):

Mesmo tendo havido muitas mudanças no interior da instituição Escola, do jogo de luzes mediático que paira sobre ela, da aplicação de inúmeras regras de política educativa, com as suas consequentes normas legislativas no que especificamente às famílias dizem respeito, verifica-se, que apesar destas forças, serem por vezes contrárias à constituição de um objecto comum, a participação e o envolvimento têm tomado cada vez mais peso e consistência. (p.52)

Contudo, uma relação muitas vezes forçada pela escola, como refere a professora R. J. “sentimos que há um trabalho conjunto entre a escola e os pais. A escola também faz um esforço, constrói projetos em que os pais sejam levado à escola e que haja essa articulação entre pais e escola.” (Anexo 6, linha 144), acrescentando “Mas muitas vezes os pais também não participam tanto quanto se desejaria.” (Anexo 6, linha 149) Por outro lado, as professoras C.G. e H.A. afirmam que muitas vezes são os próprios pais a procurarem a escola para pedir ajuda. Pedem ajuda para lidar com problemas de casa, como diz a professora H.A., "pedem ajuda à escola para resolver um problema que devia ser deles." (Anexo 5, linha 145), acrescentando ainda, "Eu sinto que alguém me pede ajuda, eu sinto que há pais que às vezes não conseguem mais, pedem um bocado ajuda." (Anexo 5, linha 175) Silva (2007) afirma:

o envolvimento dos pais na escola é, pois, uma *exigência* e uma *necessidade*. *Exigência* porque, fazendo jus à sociedade democrática em que vive-mos, cabe também aos pais decidir sobre o tipo de educação que desejam para seus filhos (DUDH, art. 26º, 3). Sobre a escola recaem responsabilidades no tipo de educação e de projecto educativo para os seus alunos para que não defraudem as expectativas e a formação original da família. *Necessidade* porque, como já foi dito, o envolvimento dos pais melhora o aproveitamento escolar dos filhos, e contribui, de forma preventiva, para a resolução de problemas graves, como a indisciplina e a violência, a droga, etc. (p.53)

Acrescenta ainda Alexandre (2012):

A instituição faz parte do quotidiano da criança, e como tal, os pais devem estar envolvidos em todo o processo de aprendizagem. As escolas devem ser promotoras de estratégias que promovam a aproximação da família à escola. Desta forma, os pais devem ser envolvidos de diferentes formas e cabe à instituição proporcionar uma diversidade de condições para o envolvimento parental na escola. (p.13)

3.3 A crise de valores na sociedade atual

O facto de, como denuncia a professora C.R., os pais se esquecerem de transmitir valores, ou como refere a professora H.A., necessitarem do auxílio dos professores para resolverem situações do meio familiar, remete-nos para uma possível crise de valores. Como refere Henriques (2000) "uma crise de valores entre os jovens. Mais exatamente, se deveria falar de uma crise da sociedade educadora – e dos sistemas educativos em particular – cujas respostas aos naturais dilemas morais da juventude são muito deficientes." (p.38)

Ao interrogarmos os entrevistados a cerca do presente tema, todos revelaram sentir a existência de uma crise de valores, crise essa que se faz sentir no dia-a-dia de cada um. Vejamos, através das palavras dos entrevistados. A professora C.R. afirma "Sinto. Sinto no supermercado. Em coisas básicas do dia-a-dia. Sinto em e-mails que recebo dos pais. Sinto nas crianças. Sinto no hospital, sinto no centro de saúde, sinto na rua, sinto no trânsito." (Anexo 3, linha 177), tal como a professora C.R. "Sinto, acho que sim. Nós vemos no trânsito, nós vemos no supermercado." (Anexo 4, linha 52)

Uma vez que tivemos a hipótese de contactar com indivíduos da área da educação, sentimos que poderia ser interessante conversar sobre a possível causa desta crise. Certo será que não fomos à procura de respostas concretas, mas sim de opiniões formadas por seres ligados diariamente ao tema. As respostas foram diversas, mas de uma forma sintetizadas, as opiniões dos entrevistados debruçaram-se principalmente pela globalização e o modo de vida que desta advém, pela família e pela escola.

A professora C.G. sente a crise de valores atual, tal como pudemos observar anteriormente, afirma senti-lo no seu dia-a-dia. Esta revela sentir diferenças do tempo em que era jovem para os jovens atuais, o que a leva a culpar a sociedade pela crise que diz sentir. "A causa tem a ver com a emancipação da sociedade. A questão de querermos ser sempre melhores. A exigência do mundo do mercado." (Anexo 3, linha 130), acrescentando ainda "com a emancipação da mulher também" (Anexo 3, linha 140), "tem a ver com toda a evolução, a globalização do mundo" (Anexo 3, linha 144).

A professora C.R., segue um pouco a linha de pensamento de C.G., pois para si, a causa da crise de valores são as alterações na sociedade, o facto de se viver num ritmo mais acelerado, em que muitas vezes os pais têm pouco tempo para estar em casa e o que estão é bastante atarefado. Diz-nos C.R.:

As pessoas vivem numa adrenalina muito grande, e esta adrenalina faz com que as pessoas não vivam serenamente, e nós só podemos pôr os valores em prática se vivermos serenamente. Toda a gente tem essa experiência de vida. Se nós estivermos numa fase da vida calma, estável, nós damo-nos muito mais aos outros. Se nós estivermos preocupados por qualquer razão, se não estivermos em paz, também não conseguimos entregarmo-nos ao outro e a causas. E mais uma vez fruto da sociedade, a evolução tem coisas boas, mas depois esta parte dos valores fica um bocadinho esquecida. (Anexo 4, linha 52)

Acrescenta ainda:

são pais muito mais exigentes, mas não significa que seja uma exigência de qualidade. Exigem porque não têm tempo para os filhos, e como não têm tempo para os filhos exigem que a escola desenvolva uma série de coisas nos miúdos que os pais não são capazes de desenvolver em casa. (Anexo 4, linha 113)

C.R. culpa também a evolução tecnológica, pois as crianças ficam muito tempo isoladas com os seus jogos, enquanto antigamente brincava-se na rua interagindo com os outros, pondo valores em prática. Analisemos através das próprias palavras da entrevistada "Nós há uns anos socializávamos muito mais, ponhamos uma série de valores em prática, hoje em dia, um para um é difícil por os valores em prática." (Anexo 4, linha72)

A professora R.J., falou-nos ainda no mesmo registo que as entrevistadas anteriores. Esta fez referência a várias crises que se vivem atualmente, como a crise económica, social e educacional, dando mais importância a esta terceira, pois acredita que é a crise educacional que nos leva a uma crise social.

Num registo um pouco diferente, a professora H.A. e o administrador L.C., acreditam que a causa desta crise esteja mais focada na família e no currículo das escolas, bem como nos professores que nelas lecionam. H.A. expressa como causa, o facto de "os pais saírem em proteção sempre dos filhos, independentemente de terem ou não razão." (Anexo 5, linha 91) Esta sente que nos dias de hoje os pais protegem os seus filhos em demasia, o que leva a que as crianças não saibam viver sobre os valores certos, pois acabam por não ter espaço para os encontrar, levando posteriormente ao desrespeito pelos mais velhos, principalmente pelo professor. O administrador L.C., alia a família às alterações da sociedade, afirmando:

As famílias também transmitem os valores que assumem como prioritários e muitas famílias e jovens pais, têm uma grande confusão de valores, muito pelas sociedades ocidentais principalmente. Uma certa cultura mais materialista faz com que os valores materiais se sobreponham a outros valores. Portanto os valores são transmitidos, agora "Qual a hierarquia?", "Que valores estão a ser transmitidos prioritariamente?", aí sim, como dizia há pouco, podemos considerar que há uma crise de valores. E portanto essa crise de valores começa onde começa a educação, na família. (Anexo 7, linha 66)

No entanto, L.C., não nomeia apenas a família como causa para a crise de valores, mas também a escola e os currículos existentes. Este defende que a dimensão do currículo nas escolas atuais, prejudica a transmissão de valores, pois não dá ao professor o espaço para tal. Como diz o administrador "os currículos estão esvaziados dessa preocupação." (Anexo 7, linha 92), acrescentando "Há muita pressão para as metas muito estruturadas de conhecimento explícito e há poucas ferramentas para os professores trabalharem naturalmente os valores." Henriques (2000) defende que:

Numa sociedade democrática, os jovens sem uma aprendizagem formal de valores e atitudes que assegurem uma convivência livre e pacífica, (que os educadores tradicionais já não transmitem) perdem proximidade aos referentes ideológicos comuns tais como os valores acolhidos nas Constituições nacionais. Resulta, assim, um afastamento entre valores (p.39).

Neste sentido, é importante perceber aquilo que os professores podem fazer perante a realidade com que se deparam. Uma vez que não são os próprios professores que têm a tarefa de alterar os currículos, estes têm o papel de o adaptar e aproveitar os desafios que este lhes propõe. Como nos disse o administrador L.C.:

os currículos precisam de reintegrar a educação para valores de uma forma mais explícita, caso contrário ficamos sempre dependentes de professores bons, que tenham vocação e que percebam que têm inerente à sua tarefa de transmitir conhecimento explícito, têm uma missão de transmitir conhecimento tácito, que são os valores. (Anexo 7, linha 96)

Tal como refere L.C. é fundamental que perante o currículo atual, os professores tenham a capacidade de procurar valores nas situações ordinárias do dia-a-dia e transformá-las em momentos de transmissão de valores.

Foi coerente entre os entrevistados que este é o momento desafiante. Para a professora C.G. o desafio para o professor é procurar os recursos que tem ao seu redor, para que através destes, possa transmitir os valores necessários aos seus alunos. Já para

as professoras C.R. e H.A., o desafio é encontrar em situações do dia-a-dia, em textos ou algo que surja, momentos para trabalhar valores. Por palavras da professora C.R. "o maior desafio do professor é conseguir incluir no currículo os valores nas situações no dia-a-dia." (Anexo 4, linha 82) ao que acrescenta, "não só através da transmissão de conhecimento incluir valores, mas discutir situações de recreio, que os miúdos tragam para dentro de aula os vários problemas e que sejam discutidos em conjunto, de forma a transmitir valores." (Anexo 4, linha 88). Para a professora R.J. o desafio é motivar os alunos, pois como refere, existe "mais desmotivação por parte dos alunos, a escola não consegue responder às necessidades específicas dos alunos." (Anexo 6, linha 92)

É perante tal situação, que as professoras C.G., C.R. e H.A. se pronunciaram sobre a falta de tempo que lhes resta para a transmissão de valores, deixando esta um pouco para segundo plano. Como referiu a professora H.A. "As metas são muito mais exigentes, há um currículo para dar, o professor deve acabá-lo" (Anexo 5, linha 125) prosseguindo, "estamos a trabalhar um bocadinho para os resultados, para os números." (Anexo 5, linha 128) No entanto, a professora R.J. discorda totalmente, defendendo que existe sempre tempo quando falamos de valores e que depende da escola encontrar tempo para tal. Como referiu a própria "Não pode ficar para segundo plano." seguindo mais à frente na mesma linha "apesar de termos um currículo extenso no primeiro ciclo, temos espaço ainda para trabalhar o desenvolvimento pessoal e social e a educação para a cidadania, sim." (Anexo 6, linha 72)

Ribeiro (2009) defende:

Para tentar colmatar este clima de incertezas, os encarregados de educação e os professores têm por obrigação unir esforços, lutar e proporcionar aos protagonistas da educação, crianças e jovens, um clima de estabilidade, de harmonia, de união entre todos os participantes no processo de ensino-aprendizagem, empenhando-se a fundo no que se considera vital para a formação das crianças, uma boa relação escola/família baseada na confiança e no esforço mútuo, em que a comunicação entre estas entidades seja efectiva e proporcionadora do bem-estar a todos os agentes. (p.17)

Encerrando este capítulo, é possível observar que as ideias dos entrevistados tomam o mesmo rumo na maioria dos temas. Todos defendem uma transmissão de valores com base na família, sendo esta inevitavelmente complementada pela escola, no entanto, sentem que essa tarefa está a ser maioritariamente deixado para as escolas, facto com o qual não concordam. Para os entrevistados, tal situação, bem como outros

fatores inerentes à sociedade, levaram à existência de uma crise de valores, com a qual se deparam diariamente, tornando-se uma luta constante no dia-a-dia, pois é algo que estará sempre presente na prática de cada um, mas por outro lado, a maioria protesta que a extensão do currículo não permite que os valores sejam trabalhados de forma explícita.

Em suma, verifica-se pela resposta dos entrevistados, que a crise atual é algo que os afeta, bem como aos seus alunos e que é necessário um trabalho de colaboração entre escola e família para que seja possível mudar o rumo da sociedade e das crianças desta geração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreensão e síntese das questões de investigação

O presente estudo teve como principal objetivo, realizar uma reflexão crítica e análise detalhada das representações dos entrevistados, sobre a metodologia de transmissão de valores. Para tal, escolhemos quatro professores primários, por serem agentes educativos em contacto permanente com as crianças. Escolhemos ainda, para complementar o estudo, um administrador de um programa de integração de valores nas escolas, por ser alguém inteiramente ligado ao tema e com estudos na área.

Para aprofundar o estudo teórico, foi ainda realizada inicialmente uma recolha bibliográfica, para que encontrássemos opiniões e posições de autores de referência perante o tema estudado, de modo a fundamentá-lo teoricamente e complementar as respostas encontradas para as questões de investigação propostas.

Qual o papel da escola e da família perante a educação para valores?

Comprendemos, através da análise dos entrevistados, bem como de diversos autores de referência, que a fonte primária de transmissão de valores deve ser a família. É através da família que o ser se depara com os seus primeiros momentos de socialização. É com a família que cria os seus primeiros vínculos, o que leva a ser essencial que seja a família a transmitir os valores necessários para uma boa conduta e vida em sociedade. No entanto, nos dias de hoje as crianças vão cada vez mais cedo para instituições escolares, o que leva a que educadores e professores tenham conseqüentemente um papel fundamental na vida e formação da criança. Perante esta situação é impraticável desassociar educadores e professores à tarefa de transmitir valores, educar crianças para realizar boas ações, com bom intuito e fundamento. Contudo, foi múltiplas vezes ressaltado, que este é um papel complementar à família, ou seja, a escola apenas funciona como um suplemento, continuando sempre a família a ser a fonte primária de transmissão de valores.

Qual a realidade atual da educação para valores?

Verificámos que os entrevistados sentem a necessidade de uma relação estreita entre a família e a escola que, porém, não acontece na prática. As famílias ainda se encontram um pouco afastadas das escolas, apesar de existirem os recursos necessários para que tal não aconteça, no entanto, talvez devido ao excesso de trabalho e exigências da sociedade, as famílias delegam à escola responsabilidades que esta não tem a obrigação de suportar na sua totalidade. Nos dias de hoje, grande parte das famílias esperam que sejam as escolas a transmitir valores, desvinculando-se um pouco dessa tarefa.

Qual o desafio do professor face à realidade atual?

Apurámos então que os entrevistados sentem um desafio constante quando falamos em educar para valores. Por um lado, fortalecer uma relação entre a família e a escola. Por outro, encontrar e transmitir valores nas mais ordinárias situações do quotidiano, conversando acerca de conflitos na sala de aula, situações de recreio, imagens ou texto que surjam, entre outros momentos que poderão ocorrer. O professor deve perceber os recursos que tem à sua volta e tentar adaptá-los para que consiga trabalhar valores de uma forma explícita. Não se deve deixar dominar pela base do currículo, mas aprofundar o máximo que lhe seja possível, para que traga o maior benefício e interesse para a formação dos seus alunos.

Investigações futuras e possíveis reformulações do tema abordado

Com o presente estudo trabalhámos com o intuito de dar respostas às questões de investigação colocadas, no entanto, estamos cientes de que este poderia sofrer algumas alterações e reformulações benéficas para o mesmo, uma vez que se trata de um tema tão vasto e abrangente. O fator tempo foi uma das maiores condicionantes do estudo, pelo que se noutra oportunidade, com outras condições de tempo, poderia dar-se continuidade à investigação. Assim, propomos a utilização de diferentes técnicas para que se desenvolva e aprofunde mais o tema. Futuramente, poder-se-iam realizar questionários a alunos do primeiro ciclo para compreender a noção que têm sobre valores e como os põem, ou não, em prática no seu dia-a-dia. Poder-se-ia também desenvolver um programa de atividades de educação para valores. Neste segundo

modelo, poderia fazer-se uma comparação entre grupos que integrassem o estudo e outros que não beneficiariam destas atividades, com o intuito de compreender os benefícios, ou não, das sessões planeadas.

A participação de outros agentes educativos, como por exemplo, professores de educação física ou música, poderia também ser uma mais-valia para o estudo.

Contudo, apesar das alterações ou reformulações propostas, este estudo vem colocar em evidência a importância e o papel fundamental e impreterível que a família tem na tarefa de transmitir valores, bem como o lugar que a escola deve ocupar, complementando sempre e nunca se desassociando da mesma tarefa que é a transmissão de valores. Como foi demonstrado neste estudo, a família vive uma crise de valores e tende a delegar para a escola a sua missão primária de educadora. No entanto, a família e a escola são duas instituições que deveriam complementar-se e caminhar lado a lado na educação para os valores.

Contribuições para o desenvolvimento pessoal e social

O presente estudo contribuiu significativamente para a compreensão da tarefa de transmitir valores. Fez-nos conhecer melhor esta realidade. Habitualmente, muitas vezes de uma forma mais banal do que o desejado, ouvimos falar de uma crise de valores que se vive, mas são poucos aqueles que investigam e tomam uma posição perante tal problema. Esta investigação aludiu-nos para aquilo que podemos fazer, para a posição que devemos tomar como membros de uma sociedade, e futuramente agentes educativos em escolas ou na família.

Talvez por ser uma investigação que partiu de um interesse pessoal, contribuiu para que nos tornássemos mais entusiastas e interessados, tentando trabalhar da forma minuciosa e organizada, para que os resultados fossem realmente interessantes e o mais reais possível. Sentimos que a investigação foi um pouco uma extensão do que foi vivido durante este tempo.

A investigação e todo o método utilizado durante o seu percurso, levou a que percebêssemos melhor aquilo que é investigar e os benefícios que pode trazer, não só para a nossa vida profissional, mas para o nosso conhecimento pessoal. Todas as entrevistas, bem como os testemunhos que representaram, foram gratificantes e

fundamentais para construirmos todo este conhecimento, que com a ajuda de autores de referência, culminou nas presentes páginas.

Confiamos que a presente investigação possa ser um instrumento útil e potenciador de uma prática reflexiva e ponderada, para outros professores ou membros de famílias, para que compreendam melhor a grandiosidade dos pequenos gestos que, no dia-a-dia, têm um contributo fundamental na educação das crianças.

Os desafios atuais para a educação para valores no século XXI, passam por ultrapassar a crise de valores diagnosticada, e recuperar o papel fundamental da família na transmissão destes valores, bem como uma relação íntima entre os agentes educativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Alexandre, S. (2012). Estratégias para promover a aproximação família – escola. Dissertação de Mestrado - Instituto Politécnico de Beja, Portugal.
- Amaral, P. (2009). A gestão do conhecimento e a centralidade dos valores para a educação, in *A Urgência de Educar para Valores: um contributo para a Literacia Social*. Carvalho, L. X., iLIDH.
- Andrade, J. (1992). *Os valores na formação pessoal e social*. Lisboa: Texto Editora.
- Araújo, M. (2008). Representações sociais da escola e da família: Uma perspectiva de pais numa escola do ensino básico. Dissertação de Mestrado - Universidade Aberta, Lisboa, Portugal.
- Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bonotto, D. (2008). Educação Ambiental e Educação em Valores em um programa de formação docente. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*. (7(2), p.313 – 336).
- Bogdan, B. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

- Canastra, F. (2005). Educação em valor: A emergência do sujeito ético? Uma abordagem narrativa da experiência ético-moral. *Educação & Comunicação*, (nº8, p.41-59).
- Carneiro, R. (2009). O Lugar dos Valores na Educação - Uma Aprendizagem Social, in *A Urgência de Educar para Valores: um contributo para a Literacia Social*. Carvalho, L. X., iLIDH.
- Carvalho, L. X. (2013). Literacia social - Os valores como fundamento de competência. Dissertação de Doutoramento - Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal.
- Conferência Episcopal Portuguesa, A escola em Portugal – Educação integral da pessoa humana, Carta Pastoral, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2008.
- Costa, A. (2011). Educação dos valores: A educação moral e religiosa católica entre a família e a escola. Dissertação de Mestrado - Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia. Braga, Portugal.
- Garção, M. (2010). Processos de transmissão de valores de cidadania: Entre a família e a escola. Dissertação de Mestrado – ISCTE Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
- Giddens, A. (2007). *Sociologia*, 5.^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN.978-972-31-1075-3.

- Goldani, A. (1993) As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. In *Cadernos Pagu*, Campinas. (n. 1, p. 67-110).
- Halsted, J. (1996). Values and values education in schools, in *Values in Education and Education in Values*, Halsted e Taylor (p.3-14). The Farmer Press: Londres
- Henriques, M. (2000). Perspectivas conceptuais da educação para a cidadania. *Primavera*. (nº 93 – 2.ª Série, p. 35-52).
- Igreja Católica. (1999). *Catecismo da Igreja Católica*. Gráfica de Coimbra: Lisboa.
- Koller, S. & Bernardes, N. (1997). Desenvolvimento moral pró-social: Semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. *Estudo de Psicologia*, (2(2), p.223-262).
- Leandro, M. (2006). Transformações da família na história do ocidente, in *Theologica*, (2ª série, 41, 1). Braga.
- Manzini, E. (1991) A entrevista na pesquisa social. *Didática*, (v. 26/27, p. 149-158). São Paulo.
- Marques, R. (1998). *Ensinar valores: Teorias e Modelos*. Porto: Porto Editora.
- Marques, R. (2008). Educação do carácter: A metodologia dos 6 Es. In (ed. lit.) *O Livro da Nova Educação do Carácter*. (p.36-41). ProfAvaliação.
- Marques, R. (n.d.). Educar em valores, <http://www.eses.pt/usr/ramiro/index.htm>, acessado pela última vez a 28 de Março de 2016, pelas 10h26.

- Pimental, M.P. (2010). Família e Escola na Re/conquista dos valores. Dissertação de Mestrado - Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal.
- Pires, M. (2001). Pedagogia de vinculação e educação para valores. Dissertação de Doutoramento - Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Lisboa, Portugal.
- Pires, M. (2007). *Os valores na família e na escola - Educar para a vida*. Coleção Educação e Desenvolvimento. Lisboa: Celta Editora.
- Pereira, M. (2014). Entre pais e filhos: Um estudo intergeracional sobre valores. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.
- Ribeiro, C. (2009). A relação escola/família. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade de Coimbra, Portugal.
- Ricotta, L. (2006). *Valores do Educador: Uma ponte para a sociedade do futuro*. São Paulo: Ágora.
- Rosa, J. (1998). Valores e Educação numa sociedade em Mudança: Educação para valores. *Educação e Sociedade*. (nº3, p.131-149).
- Silva, M. (2007). Educação para valores na escola plural: A educação moral e religiosa. Dissertação de Mestrado - Universidade de Aveiro, Portugal.

Tedesco, J. (2000). *O novo pacto educativo*. 2ªEd. Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia.

Vieira, M. (2009). *Famílias de acolhimento. Cuidar e proteger em tempo de dificuldade*.
Dissertação de Mestrado - Universidade de Aveiro, Portugal

ANEXOS

ANEXO 1 – GUIÃO DA ENTREVISTA COMUM

GUIÃO DE ENTREVISTA

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspetiva do entrevistado sobre:

- › A noção de valores;
- › A forma como as crianças são educadas em valores nos dias de hoje;
- › O papel do professor na formação pessoal e social do aluno.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data:

Hora:

Duração aproximada:

Local:

DADOS DA/O ENTREVISTADA/O:

Nome:

Idade:

Profissão:

Local de Trabalho:

Anos de experiência profissional:

Percurso académico:

1 – O que para si são valores?

2 – Se tivesse de criar uma definição de valores como seria?

3 – Quais são para si os valores fundamentais para a formação pessoal e social de uma pessoa?

4 – Na sua opinião, esta transmissão de valores deve ser trabalhada maioritariamente em casa, pela família, ou é papel dos professores e educadores?

5 – Com a experiência que tem, onde sente que tal é mais trabalhado?

6 – Está de acordo com essa realidade? Porquê?

7 – Sente a crise de valores que se vive hoje em dia? Tem alguma opinião sobre a sua possível causa?

8 – Qual é o desafio dos professores em relação à construção e educação dos valores com os seus alunos?

9 – Com o currículo que é apresentado hoje em dia no primeiro ciclo, sente que ainda há espaço para o professor trabalhar a formação pessoal e social do aluno, ou é algo que fica para segundo plano?

9.1 – Nota diferença desde o princípio da sua carreira profissional para agora?
(opcional)

10 – Baseando-se na sua experiência, e falando de um modo generalizado, qual é a ideia que sente que os encarregados de educação têm em relação ao papel da escola no que está ligado à transmissão de valores? Sente que é algo que deixam para a escola, ou que têm cuidado a que seja algo trabalho em casa?

11 – Como professor sente que há um trabalho conjunto entre a escola e a família no sentido de educador as crianças para valores, ou há uma rotura entre as duas partes?

ANEXO 2 – GUIÃO DA ENTREVISTA ADAPTADO AO ENTREVISTADO L.C.

GUIÃO DE ENTREVISTA

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspetiva do entrevistado sobre:

- › A noção de valores;
- › A forma como as crianças são educadas em valores nos dias de hoje;
- › O projeto que desenvolveu;
- › Necessidades sentidas que levaram à construção do projeto;
- › Objetivos do projeto.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data:

Hora:

Duração aproximada:

Local:

DADOS DA/O ENTREVISTADA/O:

Nome:

Idade:

Profissão:

Local de Trabalho:

Anos de experiência profissional:

Percurso académico:

1 – O que para si são valores?

2 – Quais são para si os valores fundamentais para a formação pessoal e social de uma pessoa?

3 – Na sua opinião, esta transmissão de valores deve ser trabalhada maioritariamente em casa, pela família, ou é papel dos professores e educadores?

4 - Uma vez que a sua área profissional desenvolve-se no campo dos valores, tem alguma noção do que na realidade acontece?

5 – Está de acordo com essa realidade? Porquê?

6 – Sente a crise de valores que se vive hoje em dia? Tem alguma opinião sobre a sua possível causa?

7 – Pode explicar-nos então um pouco o que é a Universidade dos Valores?

8 – Porque sentiu necessidade de criar este projeto?

9 – Qual é a missão / objetivo, da universidade dos valores?

10 – Acredita que o projeto possa vir a ter alguma influência na formação pessoal e social das gerações futuras?

ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA C.G.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA C.G.

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspetiva do entrevistado sobre:

- › A noção de valores;
- › A forma como as crianças são educadas em valores nos dias de hoje;
- › O papel do professor na formação pessoal e social do aluno.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 16/03/2016

Hora: 10h45

Duração aproximada: 30min

Local: Colégio do Bom Sucesso

DADOS DA/O ENTREVISTADA/O:

Nome: C.G.

Idade: 30

Profissão: Professora primária

Local de Trabalho: Colégio do Bom Sucesso (substituição)

Anos de experiência profissional: 9

Percurso académico: Licenciatura em primeiro ciclo pela Escola Superior de Educação de Setúbal e Mestrado em Educação Social – intervenção com crianças e jovens em risco, pelo Instituto Superior de Ciências Educativas

1 **1 – O que para si são valores?**

2 Eu associo muito o valor à questão do sentimento, e são coisas que devem ser
3 inculcadas, no meu ver, logo na família. Desde bebés, numa fase inicial a questão do
4 amor, dos afetos. Eu também associo muito valores à parte afetiva. Com o passar do
5 tempo, para mim, a questão dos valores tem muito a ver com a questão do saber
6 conviver com os outros, saber viver em sociedade, a questão do respeito, da
7 solidariedade, que hoje em dia está muito na moda sermos solidários, e que não deve ser
8 uma questão de moda, deve ser uma questão de princípio. Ajudar o próximo. E depois
9 todos os outros valores, a questão da igualdade, do respeito pelo próximo. Depois
10 também vai tudo incidir ao respeito. O respeito pela família, o respeito pelo mais velho,
11 que hoje em dia se está a perder imenso. O respeito pelo professor. Nós sentimos
12 imenso isso na pele.

13 Hoje em dia, esta questão agora dos refugiados está a ser uma questão que está a
14 levantar muita polémica. “Porque é que eles merecem tanto apoio e os de cá não
15 merecem?”, mas isso tem muito a ver também com a questão da solidariedade. A
16 igualdade, mais uma vez.

17

18 **2 – Se tivesse de criar uma definição de valores como seria?**

19 Os valores são deveres e direitos que todos os cidadãos devem ter.

20

21 **3 – Quais são para si os valores fundamentais para a formação pessoal e social de**
22 **uma pessoa?**

23 O respeito, igualdade, solidariedade, a liberdade, na questão de não libertinagem,
24 mas no sentido em que a minha liberdade acaba quando eu vou contra a sua. Acho que o
25 respeito pelo próximo é fundamental e isso não está mesmo a ser uma coisa tida em
26 conta. Eu culpo muito a minha geração, porque estudámos, porque temos mais acesso às
27 informações, ou porque somos os donos da razão e do conhecimento, achamos que
28 quem não tem isso é inferior. Às vezes tenho muitas discussões por causa da palavra
29 cultura. “Ah não és culto.” Uma pessoa que trabalha na agricultura não é culta porque
30 não estudou, vamos supor. Ok, se calhar não estudou, mas não podemos dizer que essa
31 pessoa não é culta, porque se calhar tem uma cultura a nível de agricultura que eu não

32 tenho. Portanto a questão da agricultura é muito subjetivo. Eu não posso dizer que tu
33 não és culta porque efetivamente tu se calhar tens uma cultura que eu não tenho. Agora,
34 conhecimentos a nível geral se calhar sim, por exemplo, quem foi o primeiro rei de
35 Portugal, questões políticas, quem é o primeiro-ministro, o presidente da república, aí
36 sim, mas acusar uma pessoa de não ser culta porque não estudou, acho que é errado, e
37 tem muito a ver com a questão do respeito também.

38

39 **4 – Na sua opinião, esta transmissão de valores deve ser trabalhada**
40 **maioritariamente em casa, pela família, ou é papel dos professores e educadores?**

41 Eu acho a base da pirâmide tem de ser trabalhada em casa. Infelizmente os
42 miúdos vão para a escola cada vez mais cedo. Com cinco, seis meses já estão na escola.
43 Os pais não podem estar com eles por isso vão para a escola. Obviamente que aí a
44 escola tem um papel fundamental nesta questão dos valores, de inculcar os valores.
45 Agora, a casa, a família onde eles estão inseridos será a base. Se eu aqui digo “Tu tens
46 de respeitar o teu colega” e se em casa lhe dizem “Não tens de falar com o teu amigo
47 porque o teu amigo é de uma cor diferente da tua, ou porque é forte, ou porque usa
48 óculos”, é muito difícil nós aqui trabalharmos contra isso, porque muitas vezes, apensar
49 dizerem “Ah! Aquilo que a professora primária diz é o chavão, é tipo o que está na
50 Bíblia.” Não é bem assim, porque às vezes nós depois temos os pais a virem falar
51 connosco a dizer que quem educa os filhos são eles, mas depois cobram-nos se um
52 menino chama nomes ao seu filho. Ou seja, é um contrassenso.

53 É muito difícil nós irmos contra aquilo que se passa em casa. Eu costumo muito
54 dizer que o papel do professor é instruir e não educar, mas não é, porque efetivamente
55 nós estamos aqui, e se eles chegam atrasados e não batem à porta, eu mando-os para
56 fora e digo “Vais bater à porta novamente, entras, pedes desculpa pelo atraso e depois
57 sentas-te.” Isto são coisas que eu aprendi em casa. O pedir desculpa, o não responder a
58 um professor, são coisas que eu já mais faria e eles fazem como se fosse o dia-a-dia, e
59 isso já vem de casa. O não respeitar o pai ou a mãe, ou fazer as birras e os pais
60 comprarem tudo o que os meninos querem, para mim isso vem de casa e é muito difícil
61 nós depois aqui na escola darmos a volta. Claro que sim, claro que há meninos que
62 conseguimos explicar que não é assim, mas depois há outros que não, que têm uma
63 grande estrutura familiar que não é abalada por nada, nem pelo melhor professor do
64 mundo.

65

66 **5–Com a experiência que tem, onde sente que tal é mais trabalhado?**

67 O que eu sinto é que a família tem um grande papel, e às vezes nós não
68 conseguimos. Portanto eu sinto que eles já vêm com algumas coisas de casa, mesmo
69 que sejam más eles vêm. O Vygotsky dizia que as crianças não são tábuas rasas quando
70 chegam à escola, já têm todo um conhecimento geral da vida. Depois nós temos de
71 trabalhar, só que às vezes é difícil. Os nossos conteúdos dos livros são extensos. Eu por
72 exemplo sou uma pessoa que adora artes, que adora fazer coisas diferentes com os
73 miúdos, e não tenho tempo, porque sou completamente pressionada porque tenho de dar
74 aquilo, aquela matéria, vamos ter testes, vamos ter exames e depois essas coisas ficam
75 para trás. E depois incute-se o espírito de competição. Mesmo não querendo é incutido.
76 Obrigamo-los a crescer rapidamente e às vezes eles não têm maturidade e não têm de
77 crescer. Não brincam. Raramente fazem desenhos livres, é tudo obrigado, portanto é
78 muito difícil nós podermos trabalhar mais do que aquilo que está nos programas.

79

80 **6 – Está de acordo com essa realidade? Porquê?**

81 Não, de todo. Primeiro porque acho que as crianças entram muito cedo para a
82 escola. Eu lembro-me perfeitamente, não sei quem é que fez esse estudo, mas lembro-
83 me perfeitamente de ouvir dizer que o sinal de maturidade para irem para a escola
84 primária, para o primeiro ciclo, é a partir do momento em que caem os dentes. E é
85 engraçado, que no primeiro ano, só lá para fevereiro, março é que lhes começa a cair os
86 dentes. E se calhar é só aí que lhes começa a dar o clique de que têm de estar sentados,
87 que têm de olhar para o quadro, de que não podem trazer bonecos, não podem trazer a
88 chupeta. Eu tive um miúdo o ano passado que chorou até ao Natal. Todos os dias aquela
89 criança chorava até ao Natal, porque efetivamente não tinha maturidade para estar no
90 primeiro ano. E depois chegamos a um quarto ano... Aliás, nem é preciso chegar ao
91 quarto, chegamos a um segundo ano em que o nível de exigência que vem nos manuais
92 é uma loucura. Portanto eles não têm tempo para ser crianças. Portanto não posso de
93 todo concordar com este tipo de situações. Por exemplo, eu estive cá no dia dos afetos,
94 no dia dos namorados, e eu costumo fazer muito atividades alusivas aos afetos, não tem
95 nada a ver com os namorados, mas só aos afetos. Não consegui fazer nada. Neste caso
96 aqui do colégio nós até temos muitas atividades. Aqui por acaso no colégio, a questão

97 da religião também lhes dá alguma questão mais de reflexão e na catequese poderem
98 falar mais sobre essas questões. Mas se calhar se nós fossemos olhar para o público.
99 Também há catequese no público, em algumas escolas, por exemplo onde eu dou
100 AEC's há catequese como atividade extracurricular, mas são poucos os meninos que
101 vão. E eu não digo que haja religião nas escolas, ou catequese, porque nem toda a gente
102 tem a mesma religião, mas se calhar, um momento da semana em que houvesse tempo
103 para isso, para falarmos sobre os problemas. Aquela questão da assembleia de turma é
104 tão importante falarmos dos problemas da turma, "O que é que aconteceu?", "Como é
105 que vamos resolver isso?". Eles não sabem resolver um problema, a primeira coisa que
106 fazem quando acontece é virem fazer queixinhas. Não sabem, não têm maturidade para
107 resolver problemas. E isto também tem muito a ver com a questão dos valores "A minha
108 mãe protege-me, nada me vai acontecer de mal." E não são resilientes o suficiente para
109 darem a volta às situações, de todo. Não são mesmo. Portanto não posso concordar com
110 esta estrutura que existe hoje em dia para os miúdos. Eu do meu primeiro ano só me
111 lembro do picotado, de coisas felizes. Claro que aprendi a ler, mas não tenho nada de
112 fichas, livros, não tenho nada dessas recordações. É só picotado, desenho, coisas assim.
113 Eu acho que isto é que é positivo, estas recordações.

114

115 **7 – Sente a crise de valores que se vive hoje em dia? Tem alguma opinião sobre a**
116 **sua possível causa?**

117 Sinto. Sinto no supermercado. Em coisas básicas do dia-a-dia. Sinto em e-mails
118 que recebo dos pais. Sinto nas crianças. Sinto no hospital, sinto no centro de saúde,
119 sinto na rua, sinto no trânsito. Coisas que, quando era pequenina, não aconteciam, que
120 eu percebia de viver com os meus pais. Eu por exemplo, vivia num prédio de três
121 andares, em que todos nós nos conhecíamos, e aquela questão da vizinhança do "Faltou-
122 me um ovo. Tens aí um ovo que me emprestes para eu não ter de ir ao supermercado ou
123 à mercearia?". Eu não conheço os meus vizinhos do prédio. Conheço um ou dois, e
124 cruzo-me com eles de manhã e ao final do dia e pronto, digo "Bom dia" e "Boa tarde",
125 mas isso são aqueles que o dizem. Isto é uma crise de valores, muito muito grave, em
126 que o que existe é a individualidade, o que interessa é o smartphone, são os ténis, é a
127 cor do cabelo. E depois achamos que o Natal é que é bom, porque no Natal ajudamos as
128 pessoas e somos todos muito bons e vamos todos para o céu porque ajudámos. Mas
129 depois no dia-a-dia não existe.

130 A causa tem a ver com a emancipação da sociedade. A questão de querermos ser
131 sempre melhores. A exigência do mundo do mercado. Nós temos de ser bons
132 profissionais para termos trabalho, então vou esforçar-me ao máximo e vou passar por
133 cima de quem for preciso para ser melhor. Eu sei que isto não é o correto, mas é o que
134 vai muito na cabeça das pessoas. E na vida dos professores é muito assim. Eu sentia
135 muito isto quando estudava, que a classe dos professores, infelizmente, é uma classe
136 muito individualista e muito competitiva. Porquê? Porque nós somos colocados através
137 da média do curso, das notas que temos nos estágios, que nos dá acesso a uma lista de
138 graduação que, por sua vez, nos dá acesso às escolas. Então nós queremos ser melhor do
139 que todos, e isso no mundo dos professores então começa logo no mundo da faculdade.
140 Tem muito a ver com isso, com a emancipação da mulher também, porque nós mulheres
141 então, no século XXI, tivemos um bum de crescimento. Já não temos seis ou sete filhos,
142 porque queremos trabalhar. Como não temos condições para ter esses filhos, porque
143 depois não temos dinheiro para pagar uma ama ou um colégio, então estudamos até
144 mais tarde também, depois um, dois filhos. Portanto tem a ver com toda a evolução, a
145 globalização do mundo, eu acho que sim. A questão da individualidade, da competição.

146

147 **8 – Qual é o desafio dos professores em relação à construção e educação dos** 148 **valores com os seus alunos?**

149 Eu acho que se nos diminuíssem o nosso currículo, se não fosse tão exigente,
150 nós tínhamos mais tempo para trabalhar esse tipo de coisas com as crianças, porque elas
151 no fundo são crianças. Não são máquinas que nós lhes abrimos a cabeça e colocamos lá
152 dentro toda a informação, arrumamos nas gavetas e elas quando precisam vão tirar.
153 Depois não temos os resultados que queremos efetivamente porquê? Porque eles não
154 têm maturidade e chega a um certo ponto que nós já não sabemos o que é que temos
155 de fazer para isso. Eu acho que quando nós conseguimos ter momentos mais lúdicos,
156 em que conseguimos trabalhar efetivamente a importância dos valores na nossa
157 sociedade, acho que eles ficam mais predispostos para a aprendizagem. Não é só vir
158 para aqui fazer fichas. Não é só vir para aqui fazer testes e escrever nos livros. Há outras
159 atividades mais lúdicas.

160 O desafio para o professor é pedir ajuda. Perceber o que é que existe. Por
161 exemplo, os centros de saúde. Aqui não sei, mas do outro lado, em Almada fazem, que é
162 a maçã dos afetos, que trabalha muito esta questão dos afetos e dos valores, muito no

163 mês de fevereiro. E vão às escolas fazer montes de atividades com os miúdos e acho que
164 isso é uma mais-valia para nós trabalharmos os afetos. Depois nós aqui é, se calhar
165 fazermos uma reestruturação do nosso dia-a-dia, sermos disciplinados e tentarmos
166 encontrar um espaço para que isso aconteça. E se calhar também, responsabilizar cada
167 vez mais os pais, de que isso é uma coisa que deve ser trabalhada, e se calhar os pais
168 devem ser muitas vezes chamados à atenção - o que não acontece porque no fundo eles
169 têm um bocadinho a faca e o queijo na mão, infelizmente – de que o seu filho não está a
170 cumprir com determinadas situações, que estão a por em causa a boa educação, ou
171 alguma coisa do género. É difícil. O desafio é muito difícil mesmo.

172

173 **9 – Com o currículo que é apresentado hoje em dia no primeiro ciclo, sente que**
174 **ainda há espaço para o professor trabalhar a formação pessoal e social do aluno,**
175 **ou é algo que fica para segundo plano?**

176 Fica para segundo plano.

177

178 **10–Baseando-se na sua experiência, e falando de um modo generalizado, qual é a**
179 **ideia que sente que os encarregados de educação têm em relação ao papel da escola**
180 **no que está ligado à transmissão de valores? Sente que é algo que deixam para a**
181 **escola, ou que têm cuidado a que seja algo trabalho em casa?**

182 Eu acho que deixam para a escola. Acho que os pais pensam muito que essas
183 coisas têm de ser trabalhadas na escola. “Então não aprendes na escola a ser bem-
184 educado?”. E não é na escola, eles já têm de vir com essas bases de casa. O “obrigado”,
185 o “se faz favor”, o pedir desculpa, são coisas básicas do dia-a-dia e cada vez mais se
186 estão a perder. Eu vejo aqui, eles respondem-me como se estivessem a falar com os
187 amiguinhos, e isso a mim mete-me muita confusão. Porque eu já mais falaria, e eu já
188 mais falo. Eu não levanto a voz ao meu pai. Portanto acho que sim, acho que os pais
189 passam um bocadinho a bola para a escola.

190

191 **11 – Como professor sente que há um trabalho conjunto entre a escola e a família**
192 **no sentido de educador as crianças para valores, ou há uma rotura entre as duas**
193 **partes?**

194 Não, não. Eu acho que cada vez mais há uma tendência. Antigamente fechava-se
195 a escola aos pais, sem dúvida. Agora não. Eu acho que agora há, aqui no privado é então
196 abertura total, essa rutura não existe porque a escola precisa dos pais, portanto há
197 mesmo essa abertura, grande. A nível do público, acho que cada vez mais a escola está
198 aberta aos pais e fazem atividades, mesmo atividades de expressão plástica, que não há
199 tanta diferença como aqui que têm mesmo uma professora para expressão plástica, no
200 público somos nós que trabalhamos a maior parte das vezes. Tentam sempre fazer uma
201 relação escola-família muito mais alargada do que havia antigamente. E eu, neste
202 pequeno percurso que tenho a nível de ensino, tenho sentido que tenho tido essa
203 evolução e é uma evolução positiva. Lá está, responsabilizar um bocadinho os pais, por
204 essa tarefa também.

205 Há muitos pais hoje em dia a pedir ajuda, porque muitas vezes não percebem o
206 currículo, portanto vão à escola mais vezes para falar com o professor. Ou porque o
207 filho é realmente indisciplinado e os pais já não sabem mais o que fazer. Ou então é ao
208 contrário realmente, a escola planifica atividades em que os pais estão envolvidos, ou
209 então, já aconteceu por exemplo, quando houve o novo programa da matemática, os
210 professores organizarem-se e darem aulas aos pais, para os pais poderem trabalhar com
211 os miúdos em casa, e isto antigamente era impensável. Acho que hoje em dia há um
212 esforço muito grande ao nível escola-família, família-escola para que haja uma boa
213 relação. A ponte está a ser construída. Mesmo no que toca a valores. Não ainda como o
214 esperado, e está ainda a anos-luz para que isso aconteça, porque os pais não querem ser
215 criticados porque acham que estão a dar uma boa educação aos filhos, a escola não tem
216 de substituir o papel dos pais, então há um choque de ideais. De qualquer das formas
217 acho que já há muitos pais já com alguma humildade para admitir que os mimaram de
218 mais, ou que não têm tempo para lhes dar a tenção que precisam e pedem ajuda a
219 escola. Mas acho que ainda está a anos-luz do esperado.

ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA C.R.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA C.R.

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspetiva do entrevistado sobre:

- › A noção de valores;
- › A forma como as crianças são educadas em valores nos dias de hoje;
- › O papel do professor na formação pessoal e social do aluno.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 11/03/2016

Hora: 15:30

Duração aproximada: 60min

Local: Casa da entrevistada

DADOS DA/O ENTREVISTADA/O:

Nome: C.R.

Idade: 32

Profissão: Professora primária

Local de Trabalho: Associação Ester Janz

Anos de experiência profissional: 11

Percurso académico: Licenciatura em educação básica no Instituto Superior de Educação e Ciência; Mestrado em Museologia - serviços educativos pelo ISCTE; Doutoramento em Ciências da Educação na Universidade de Évora.

1 **1 – O que para si são valores?**

2 Valores é aquilo que nós trazemos da base da educação e que depois vamos aplicando
3 nas situações do dia-a-dia.

4

5 **2 – Se tivesse de criar uma definição de valores como seria?**

6 É um bocadinho aquilo que eu disse na anterior, é aquilo que nós carregamos e que
7 depois fazemos no dia-a-dia. Valor é aquilo que cada um tem dentro de si e depois nas
8 determinadas situações usa, ou não.

9

10 **3 – Quais são para si os valores fundamentais para a formação pessoal e social de**
11 **uma pessoa?**

12 A sabedoria é um valor muito importante. A honestidade, a amabilidade e até a fé,
13 porque a fé é pôr esperança nas várias coisas e especialmente dentro da educação que
14 não há receitas, há muito o senso comum. Podemos ter a teoria mas muitas vezes o
15 senso comum é aquilo que se põe em prática nas várias situações, e os valores que nós
16 temos são aqueles que nós vamos passar nas várias situações vividas na escola.

17 O respeito também, o amor pelo outro. No fundo aquilo que está na base da educação
18 cristã.

19

20 **4 – Na sua opinião, esta transmissão de valores deve ser trabalhada**
21 **maioritariamente em casa, pela família, ou é papel dos professores e educadores?**

22 Acima de tudo acho que deve ser trabalhado maioritariamente em casa, a escola
23 é claro que não se pode abster da transmissão de valores, mas tem de vir de casa. No
24 fundo é como se fosse um corpo, esta transmissão é o esqueleto, que vem de casa,
25 depois a escola ajuda a compor. E devem estar ligadas, partindo de casa sempre.

26

27 **5–Com a experiência que tem, onde sente que tal é mais trabalhado?**

28 Infelizmente acho que vai sendo cada vez mais deixado para a escola. Os pais
29 vivem numa “lufa-lufa” de acordam de manhã cedo, vestem crianças, muitas vezes o
30 pequeno-almoço é a despachar, muitas vezes nem tomam o pequeno-almoço em casa,

31 depois vão levá-los à escola, vão a correr trabalhar, vão buscá-los tarde à escola porque
32 hoje em dia há horários de trabalho. As pessoas trabalham muito mais do que o horário
33 de trabalho a maior parte das vezes, o regresso a casa é um correria também, os
34 trabalhos de casa já são feitos na escola e não num ambiente calmo em casa. Acho que
35 cada vez mais, com esta correria do dia-a-dia, é muito mais trabalhado na escola, sem
36 dúvida.

37

38 **6 – Está de acordo com essa realidade? Porquê?**

39 Não, mas infelizmente é a realidade da nossa sociedade. São muito poucas as
40 pessoas que têm a oportunidade de passar fins de dia com os filhos, de fazer atividades.
41 Depois a sociedade também impõe uma série de solicitações, as festas de anos dos
42 miúdos, dos adultos, as idas aqui e ali, o uso das PlayStations, destas novas tecnologias
43 e dos computadores são outras solicitações que ocupam muito os miúdos e os pais, e
44 ficam entregues ao ipad, porque os pais estão cansados. Não há muito espaço para
45 viverem os valores e trabalhá-los. E depois, cada vez mais, a parte da educação cristã,
46 como a maior parte das pessoas não pratica e já não é crente, tudo isto também já não se
47 passa da mesma maneira. Quer dizer, não é por as pessoas não irem à missa, não é isso.
48 É a base da educação cristã é uma base de valores, como as pessoas não praticam,
49 também não o passam, então cada vez se pratica menos.

50

51 **7 – Sente a crise de valores que se vive hoje em dia? Tem alguma opinião sobre a** 52 **sua possível causa?**

53 Sinto, acho que sim. Nós vemos no trânsito, nós vemos no supermercado. As
54 pessoas vivem numa adrenalina muito grande, e esta adrenalina faz com que as pessoas
55 não vivam serenamente, e nós só podemos pôr os valores em prática se vivermos
56 serenamente. Toda a gente tem essa experiência de vida. Se nós estivermos numa fase
57 da vida calma, estável, nós damo-nos muito mais aos outros. Se nós estivermos
58 preocupados por qualquer razão, se não estivermos em paz também não conseguimos
59 entregarmo-nos ao outro e a causas. E mais uma vez fruto da sociedade, a evolução tem
60 coisas boas, mas depois esta parte dos valores fica um bocadinho esquecida.

61 Em relação aos miúdos também sinto porque os miúdos são educados pelos pais,
62 e sendo educados pelos pais, acaba por não haver muito esta prática dos valores.

63 A causa é a sociedade de hoje em dia. O mundo da globalização tem coisas
64 ótimas porque as pessoas falam muito mais, formam-se muito mais, desenvolvem-se
65 muito mais, mas depois há uma série de coisas que não se desenvolvem. Antigamente,
66 eu falo antigamente mas para a nossa história não é há muitos anos, há cinquenta anos
67 nós tínhamos miúdos a brincarem na rua, hoje poucos são os pais que deixam os miúdos
68 brincar na rua. O que se entende não é, nós ouvimos as histórias mais loucas do mundo,
69 por isso é normal que os pais tenham medo que os miúdos vão brincar para a rua,
70 portanto ficam entregues às PlayStations e ao computador e pouco mais. Um miúdo que
71 brinca na rua é um miúdo que está a jogar ao berlinde, joga à macaca e isto são jogos
72 que implicam outro, não se joga sozinho normalmente. Nós há uns anos socializávamos
73 muito mais, ponhamos uma série de valores em prática, hoje em dia, um para um, é
74 difícil pôr os valores em prática. Eu acho que no fundo é a questão da globalização, que
75 tem coisas boas mas que depois peca nesta parte mais humana.

76

77 **8 – Qual é o desafio dos professores em relação à construção e educação dos**
78 **valores com os seus alunos?**

79 Acho que o currículo hoje em dia é um currículo muito apertado e exige-se logo
80 muito cedo aos miúdos um nível de abstração muito grande, o que os ocupa muito em
81 termos de entrega às atividades escolares. A carga horária também é muito grande e eu
82 acho que o maior desafio do professor é conseguir incluir no currículo os valores, nas
83 situações do dia-a-dia, especialmente no estudo do meio, é o mais fácil. Temos milhares
84 de imagens nos manuais escolares, é na observação das imagens, na discussão das
85 imagens tentar incluir aí os valores. No recreio do almoço, normalmente é uma hora e
86 meia, duas, e os miúdos ficam à tarde, embora sejam ocupados pelos ATLS e ficam logo
87 cheios de atividades. Os miúdos hoje em dia brincam pouco por iniciativa própria, são
88 sempre orientados. Eu acho que o grande desafio do professor é, não só através da
89 transmissão de conhecimento incluir os valores, mas discutir situações de recreio, que
90 os miúdos tragam para dentro de aula os vários problemas e que sejam discutidos em
91 conjunto, de forma a transmitir os valores, porque a disciplina de moral nem sei se
92 existe hoje em dia. No primeiro ciclo não existe certamente, ou há a catequese que
93 normalmente existe fora da escola, logo muitos não andam, ou então não existe. Eu por
94 exemplo, não tenho nada na minha escola que seja um espaço de tempo específico para

95 a transmissão de valores, para o trabalho dos valores. Ou o faço integrado no currículo,
96 ou então não há espaço para isso. Esse é que é o grande desafio, é incluir no currículo.

97

98 **9 – Com o currículo que é apresentado hoje em dia no primeiro ciclo, sente que**
99 **ainda há espaço para o professor trabalhar a formação pessoal e social do aluno,**
100 **ou é algo que fica para segundo plano?**

101 Fica para segundo plano se o professor não estiver consciente e se não tiver
102 como um dos objetivos principais a transmissão de valores, acaba por ficar esquecido,
103 em segundo, terceiro plano e já era...

104

105 **9.1 – Nota diferença desde o princípio da sua carreira profissional para agora?**

106 Eu já apanhei muitas alterações do currículo, embora em onze anos, já apanhei
107 duas grandes alterações. Todos os anos há alterações, mas assim que abanem um
108 bocadinho a sala de aula e que implique uma programação de fundo diferentes, já
109 apanhei duas. Acho que o Ministério da Educação preocupa-se muito com estatística, e
110 os valores não se incluem em estatística, são coisas qualitativas e não quantitativas, e
111 isso acaba por ficar para trás, sem dúvida. E acho que nos últimos anos sim, mudou
112 muito, porque cada vez mais olhamos para números e não tanto para a qualidade. E
113 acho que os miúdos são diferentes, temos uma geração de pais diferente também, são
114 pais muito mais exigentes, mas não significa que essa seja uma exigência de qualidade.
115 Exigem porque não têm tempo para os filhos, e como não têm tempo para os filhos
116 exigem que a escola desenvolva uma série de coisas nos miúdos que os pais não são
117 capazes de desenvolver em casa. Aí acho que sim, acho que há diferenças significativas.
118 O respeito também pelo professor. Quando eu comecei a trabalhar, podia ter algumas
119 situações de alunos que tentassem pisar o risco, mas depois tinham os pais que diziam
120 “Não, não. Como é que é possível? Não se desrespeita ninguém, o professor ainda mais,
121 porque o professor está lá no dia-a-dia e está a ajudar a crescer.” Hoje em dia, já não é
122 só o aluno, é o aluno e o pai ou a mãe, vão bater à porta “O meu filho disse qualquer
123 coisa em casa, eu venho aqui pedir explicações.” Mas não pedir explicações no sentido
124 construtivo, é pedir explicações porque “o meu menino disse isto...” e o se o menino
125 disse isto é cego de que ele está certo. Às vezes não se tenta chegar a um ponto de

126 equilíbrio, e hoje em dia a escola não é só a gestão de valores com os filhos, também há
127 muita gestão de valores com os pais.

128

129 **10–Baseando-se na sua experiência, e falando de um modo generalizado, qual é a**
130 **ideia que sente que os encarregados de educação têm em relação ao papel da escola**
131 **no que está ligado à transmissão de valores? Sente que é algo que deixam para a**
132 **escola, ou que têm cuidado a que seja algo trabalho em casa?**

133 Eu acho que os encarregados de educação já se esqueceram mesmo dos valores.
134 São poucos os pais que aparecem e que se sente que para além da aquisição de
135 conhecimentos há a formação pessoal enquanto criança e futuro adulto. A maior parte
136 dos pais hoje em dia, o que quer é que o filho seja o melhor aluno e esquecem-se que há
137 lá outros trinta. Quer dizer, é impossível ser o melhor aluno, acima de tudo aquilo que
138 eu como professora peço é que o meu aluno seja o mais completo possível, é que tenha
139 a parte dos valores, que tenha a aquisição de conhecimentos e desde que ele dê o melhor
140 e aquilo que o seu esforço permitiu, todos eles chegam lá. Não é por ser melhor na
141 matemática ou no português que vou ser melhor pessoa. Acima de tudo ele têm de ser
142 pessoas equilibradas e completas. Muitos pais esquecem-se hoje em dia dessa parte, a
143 preocupação dele é o nível académico e depois falta a outra parte. Depois aparecem as
144 frustrações, aparecem os gabinetes de psicologia a dizer que as crianças têm de ser
145 acompanhadas. E eu estou convencidíssima que muitas das crianças que são
146 acompanhadas hoje em dia pelos gabinetes de psicologia, são miúdos que só são
147 trabalhados na parte académica e não na parte pessoal e humana que é importante. Um
148 miúdo que é estável emocionalmente é um miúdo que conhece valores, é um miúdo que
149 aplica valores e que depois tem a serenidade e a paz interior para adquirir os
150 conhecimentos. Isso é uma criança muito mais completa. Nós sabemos, os sobredotados
151 normalmente são alunos excecionais, mas socialmente têm muitas falhas, e isso
152 preocupa-me. As reuniões que eu tenho hoje em dia, os pais preocupam-se é com a
153 parte académica “Ele tem de saber isto, tem de conhecer melhor aquilo, tem de ser o
154 primeiro a aprender” e esquecem-se depois da outra parte tão importante. Se eu for falar
155 de conflitos em recreio o pais diz “O meu filho? O meu filho não, nunca faz nada
156 disso.” Estão muito preocupados com a parte académica só e não com a parte humana.

157

158 **10.1 – Então quer dizer que os pais se esquecem por completo de educar em**
159 **valores, ou a ideia deles é que esse é o papel da escola?**

160 Eu acho que se esquecem por completo. Quando nós apresentamos uma
161 atividade, o ano passado foi isso que fizemos, apresentamos uma atividade como
162 preparação para o Natal, mas não lhe demos o nome de advento, era o caminho para o
163 Natal. Como não é uma escola católica não atribuímos o valor católico, mas fizemos
164 uma atividade, no fundo, de preparar o coração, de trabalhar uma série de valores. E
165 para os pais isto é uma seca, o que depois para os miúdos obviamente é também uma
166 seca. Se só há entusiasmo do lado dos professores... A escola não vive sozinha. A
167 escola precisa de alunos e esses alunos precisam dos pais e dos professores. Se isto não
168 funcionar tudo em união, há uma quebra e para os pais é uma seca ter de fazer uma
169 atividade. A escola apresenta uma frase “O que é que a frase quer dizer?”, isto para os
170 pais é uma seca. Muitas vezes os pais dizem, “Eu quero é fichas, eu quero é fichas para
171 trabalhar com eles.” e esquecem-se que o pensar numa frase, o que é que significa,
172 pensar como correu o dia de escola, isso também é trabalhar. Esquecem-se um
173 bocadinho disso.

174 Eu acho que os pais estão um bocadinho esquecidos dos valores, e não é entregar
175 à escola, estão mesmo esquecidos dos valores. Bem, mas depois também depende um
176 bocadinho das populações, se formos para um Nosso Jardim, isso já não acontece tanto,
177 se formos para uma escola pública então, já não há valores. Aqui na escola onde eu
178 estou, lá aparece um pai de vez em quando preocupado com essa parte.

179

180 **11 – Como professor sente que há um trabalho conjunto entre a escola e a família,**
181 **no sentido de educador as crianças para valores, ou há uma rotura entre as duas**
182 **partes?**

183 A rotura total acho que não há. Eu acho é que os pais estão preocupados com
184 outras coisas, não se preocupam de facto com a parte humana. Há um desinteresse, não
185 é uma rotura. Acho que há um desinteresse da parte dos pais, não sei se novamente
186 problema da sociedade. Os pais que nós temos hoje em dia na escola, são pais que
187 viveram a liberdade total, tudo lhes era permitido. E eu acho que estas crianças que nós
188 temos hoje em dia são crianças que têm tudo como um dado adquirido. Uma pessoa que
189 tem tudo como um dado adquirido é uma pessoa egoísta. Infelizmente nós temos muitos

190 miúdos assim na escola, e os pais depois também não trabalham, não trabalham essa
191 parte com os miúdos. Fruto novamente da sociedade, a maior parte das pessoas tem só
192 um filho. Porquê? Porque querem dar tudo aquele filho, querem dar-lhe as viagens, as
193 PlayStations, querem dar tudo aquilo que é material, e depois esquecem-se um
194 bocadinho, está claro. Quer dizer, não serão todas as famílias assim, estou a generalizar
195 um bocadinho, mas a maior parte das famílias é isto que nós temos. Querem dar tudo
196 aos miúdos, o que é ótimo, que bom termos pais que querem dar tudo aos miúdos, mas é
197 importante também saber dosear. Um miúdo que não sabe dosear, depois também tem
198 dificuldade em viver com outros. Depois às tantas isto é uma bola de neve.

199

200 **11.1 – Essa bola de neve acha que poderá vir a aumentar nas próximas gerações?**
201 **Ou vai sendo um ciclo que volta ao início?**

202 Eu acho que é, e nós começamos a ver isto um bocadinho. Isto funciona por
203 ciclo, e tudo funciona por ciclos, e a educação funciona mesmo. Nós temos períodos em
204 que há uma exigência excessiva e estamos a sair dessa exigência excessiva agora, em
205 relação ao currículo. E como deixamos de ter uma exigência excessiva, começamos a
206 ter espaço para outras coisas. Mas depois, como não somos exigentes, começamos a
207 caminhar para o desleixo, e depois esse desleixo chega a um nível tal que vem outra vez
208 a exigência excessiva. E acho que a educação é um ciclo e tenho esperança, quero
209 acreditar, que esta questão dos valores, embora se mantenha sempre, que seja também
210 com altos e baixos. Porque também não podemos fazer da escola só transmissão de
211 valores e querer que os pais só queiram valores, mas o meio-termo é muito difícil, e na
212 educação então ainda é mais difícil. Nós temos milhares de crianças e são todas
213 diferentes, por isso, enquanto professores, temos de adaptar a nossa ação e a nossa
214 transmissão de valores a cada um deles. Quando temos vinte e cinco ou trinta miúdos à
215 nossa frente, o que eu digo, secalhar o aluno que está à frente entende de uma maneira e
216 o aluno que está no fundo da sala entende de outra maneira, e isto é um grande desafio
217 dentro da sala de aula. Isto dá imenso gozo, mas pode ser arriscado, por isso é que é
218 muito importante a parte da família. A família entrar na escola, não é só para dizer que
219 quer isto e aquilo. A família entrar na escola é exatamente a partilha de objetivos para o
220 crescimento dos miúdos.

ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA H.A.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA H.A.

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspectiva do entrevistado sobre:

- › A noção de valores;
- › A forma como as crianças são educadas em valores nos dias de hoje;
- › O papel do professor na formação pessoal e social do aluno.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 02/03/2015

Hora: 12h

Duração aproximada: 45 minutos

Local: Colégio do Bom Sucesso

DADOS DA/O ENTREVISTADA/O:

Nome: H. A.

Idade: 47

Profissão: Professora primária

Local de Trabalho: Colégio do Bom Sucesso

Anos de experiência profissional: 22

Percurso académico: Licenciatura pela Escola Superior de Educação João de Deus

1 **1 – O que para si são valores?**

2 Os valores vêm de casa, portanto a educação e todo o percurso que nós temos com as
3 nossas famílias. Julgo que a escola, falando como professora, é um complemento da
4 casa.

5

6 **2 – Se tivesse de criar uma definição de valores como seria?**

7 Os valores assentam na solidariedade, na educação e na partilha. Estes para mim são os
8 valores essenciais para que as crianças possam crescer com uma boa conduta.

9

10 **3 – Quais são para si os valores fundamentais para a formação pessoal e social de**
11 **uma pessoa?**

12 (Respondido através da pergunta anterior)

13

14 **4 – Na sua opinião, esta transmissão de valores deve ser trabalhada**
15 **maioritariamente em casa, pela família, ou é papel dos professores e educadores?**

16 Eu acho que nós professores, principalmente o professor do primeiro ciclo, acho que
17 tem um papel fundamental. Mais tarde, acho que até mesmo na faculdade, o que nós
18 recordamos é o professor do primeiro ciclo, pela positiva ou pela negativa, dependendo
19 da experiência de cada um. Mas podemos ajudar na formação como criança e os seus
20 valores. Mas eu acho que esses princípios base vêm de casa, apesar das crianças hoje
21 em dia passarem muito tempo na escola, esta funciona ainda como um complemento.
22 Acho que a base é a família. E depende das famílias, claro, como em tudo, se tiverem
23 uma família que dê importância e faça isso no dia-a-dia, acho que a receção é boa, caso
24 contrário é um bocadinho mais problemático.

25

26 **5–Com a experiência que tem, onde sente que tal é mais trabalhado?**

27 Eu acho que independentemente de serem valores que eu sinto que são bem ou mal
28 transmitidos, eu acho que veem de casa e depois nós somos um bocadinho críticas
29 daquilo que vemos e há coisas que não nos fazem sentido, como por exemplo, mete-me
30 impressão tratem tudo por tu, há um à vontade... Acho que temos de saber distanciar.

31 Percebo que aos professores têm de tratar pelo nome, não há problema, desde que
32 saibam estar e respeitar a hierarquia. Mas por vezes ficamos um bocadinho “Como é
33 que é possível?” a criança é que manda, os pais acham que as crianças têm de ser todos
34 reis e rainhas e eu não concordo nada com isso. Acho que eles têm de ser educados com
35 alguns dissabores, há a parte cinzenta e a parte cor-de-rosa, mas eles não têm de ser reis,
36 de todo. Não têm de ser o domínio da relação de um casal, não podem ser a parte mais
37 importante, o que aqui na escola não são. Embora o meu centro esteja sempre na
38 criança, são as aprendizagens, o saber estar, a autoestima deles. Eu acho que tudo isso é
39 que faz com que eles tenham uma parte académica importante, mas isso como
40 complemento. A família é o essencial.

41

42 **6 – Está de acordo com essa realidade? Porquê?**

43 Não, mas também acontece pontualmente nós termos uma influência maior. Em
44 algumas reuniões, não são bem reuniões, nós funcionamos um bocado como um
45 gabinete de uma psicóloga. Eu tive uma situação de uns pais em que ele passava a maior
46 parte do tempo com a empregada e os pais tinham como prioridade a profissão e
47 portanto o miúdo não sabia mesmo estar, era mesmo mal-educado. Eu nunca tinha tido
48 um miúdo do primeiro ciclo tão mal educador, ele não sabia mesmo, portanto eu acho
49 que ele foi um bocadinho educado por mim. Ou seja passava mais tempo na escola
50 comigo, do que com os pais em casa, eu acho que tive um papel importante na formação
51 dele, os pais reconheceram-nos. Não sabiam aquilo que o filho era capaz de fazer, a
52 forma como respondia ao adulto, porque a maior parte do tempo ou estava com a
53 empregada, ou estava aqui na escola.

54 Tive também a experiência de um outro miúdo em que para ele aqui era tudo.
55 Ele era mais feliz na escola do que em casa. Logo o que se transmitia eram miúdos que
56 perdiam a cabeça com muita facilidade. Cansaram-me muito, mas senti que foram muito
57 educados aqui.

58

59 **6.1 – Vê muito esse tipo de casos a acontecer? Sentir que as crianças quando vão**
60 **para casa ainda ficam muito tempo com empregadas e babysitters até os pais**
61 **chegarem à hora de jantar?**

62 Houve uma mudança na nossa sociedade. As pessoas trabalham mais, têm de
63 trabalhar mais tempo obrigatoriamente porque os empregos assim o exigem, portanto
64 eles passam menos tempo, com ou sem empregadas, com ou sem babysitters, acho que
65 passam menos tempo com a família, logo quando chegam é tudo tão tarde, que parece-
66 me que o pouco tempo que estão, na verdade não estão e como tal acho que se perde um
67 bocadinho o contacto com o filho. E reflete-se um bocadinho na escola. Eles depois
68 acham que têm de fazer tudo. Tudo desde não saber como estar na sala, que não se pode
69 falar e que têm de estar sentado e que a mão não está na cabeça, que não se está de
70 perna cruzada. Há coisas que já deviam vir de casa e há uma insistência da nossa parte,
71 porque eu acho que há um bocado falta de tempo e portanto não têm tempo e quando
72 chegam não estão para se estar a chatear muito. É “come”, “tomar banho”, “já fez os
73 trabalhos?”, “deite-se”. Acho que é um bocado assim em alguma famílias, ou na
74 maioria.

75

76 **7 – Sente a crise de valores que se vive hoje em dia? Tem alguma opinião sobre a**
77 **sua possível causa?**

78 Sinto. Desde o começo, quando eu fui professora, em que o professor era
79 soberano, completamente. Tudo o que o professor dizia era mais ou menos sagrado,
80 dentro da liberdade que há hoje em dia, em que nós temos um contacto muito mais
81 próximo dos pais do que no tempo dos nossos pais. Eu trabalhei noutra colégio privado,
82 há vinte e dois anos, depois passei pelo público e acho que tiraram um bocadinho a
83 autoridade ao professor e à escola e portanto acho que os miúdos só têm direitos. Os
84 pais vêm tirar satisfações ao professor e isso era qualquer coisa impensável, porque nós
85 temos de acreditar na escola e eu acho que nos tiram um bocadinho de autoridade,
86 portanto a criança tem sempre razão e só tem direitos e deveres o q.b., mais ou menos.

87

88 **7.1 – Então acha que é isso a causa desta crise de valores, os pais?**

89 Sim, os pais saírem em proteção sempre dos filhos, independentemente de terem
90 ou não razão. Não sei se faz parte da democracia, quer dizer, eu sou a favor da
91 democracia, claro, mas esta tem de ser bem gerida, nós não podemos opinar sempre que
92 queremos. Eu também como mãe, às vezes vejo um teste da minha filha, não concordo
93 ou acho que poderia dar mais, mas eu como professora não vou discutir nenhuma nota.

94 Pode haver um engano no teste, nós enganamo-nos a corrigir e temos de ver, agora não
95 vou discutir notas com o professor, ou tirar satisfações, quando eu acho que tenho de
96 pensar, contar até dez e acalmar. Acho que esse exercício os pais já não fazem, de todo.

97

98 **8 – Qual é o desafio dos professores em relação à construção e educação dos**
99 **valores com os seus alunos?**

100 Têm que cada vez mais batalhar mais na escola, nos princípios essenciais para
101 que se formem como um adulto com uma boa conduta. Eu acho que também antes os
102 professores não davam muita importância, nós eramos politicamente corretos, não é?
103 Não havia tanta liberdade de expressão, havia muito menos interesses. Os miúdos hoje
104 em dia têm muito mais interesses, têm aquelas tecnologias e nós não, eramos miúdos
105 muito formatados, muito rotineiros e eles são muito mais críticos, têm mais poder de
106 opinião e isso é muito mais interessante em relação ao passado. Só que tem de se saber
107 lidar com essa liberdade e eu acho que às vezes não é bem transmitido em casa, o que é
108 que se pode dizer e cabe à escola, acho que para que a parte académica aconteça há um
109 conjunto de valores e princípios que têm de ser transmitidos.

110

111 **9 – Com o currículo que é apresentado hoje em dia no primeiro ciclo, sente que**
112 **ainda há espaço para o professor trabalhar a formação pessoal e social do aluno,**
113 **ou é algo que fica para segundo plano?**

114 De repente houve uma grande mudança com as novas metas curriculares, sobra
115 pouco tempo para. Nós temos de apresentar resultados, ou através das provas de
116 aferição, ou através de exames. Às vezes não há muito tempo para abordar esses temas.
117 Às vezes proporciona-se, no estudo do meio, ou nos textos de português, pode sempre
118 fazer-se uma abordagem, mas nem sempre dá para falar o tempo que se queria, acho que
119 nos condiciona um bocadinho.

120

121 **9.1 – Nota diferença desde o princípio da sua carreira profissional, há 22 anos,**
122 **para agora?**

123 Sinto que mudou muito. As metas são muito mais exigentes, há um currículo
124 para dar, o professor deve acabá-lo, não deve acabar o ano com programação por dar e

125 por vezes não se proporciona que haja esses tais diálogos que eu acho que são
126 essenciais. Estamos a trabalhar um bocadinho para os resultados, para os números.

127

128 **10–Baseando-se na sua experiência, e falando de um modo generalizado, qual é a**
129 **ideia que sente que os encarregados de educação têm em relação ao papel da escola**
130 **no que está ligado à transmissão de valores? Sente que é algo que deixam para a**
131 **escola, ou que têm cuidado a que seja algo trabalho em casa?**

132 Não, acho que às vezes a escola funciona como um depósito. Há situações em
133 que nos vêm solicitar no dia-a-dia, em situações que não têm nada a ver com o que
134 aconteceu na escola, mas sim coisas que vêm de casa. Eles vêm pedir ajuda à escola. Às
135 vezes as reuniões que temos, as reuniões individuais servem não para falar da parte
136 académica, mas do género “Não consigo pô-lo a tomar banho, ele acha que não tem de
137 tomar banho.”, “Ele em casa faz uma fita porque não quer comer a sopa.” Eles vêm em
138 defesa um bocadinho da criança, vêm dizer o que é que querem, portanto decisões que
139 deviam ser tomadas pelos pais, eles não são capazes e vêm pedir ajuda ao professor.
140 Cada vez mais.

141

142 **10.1- Não deixam para a escola, mas tentam trabalhar com a escola?**

143 Não deixam para a escola, mas pedem ajuda à escola para resolver um problema
144 que devia ser deles.

145

146 **10.2 – Não sente que como os pais estão pouco tempo com os filhos, chegam a casa**
147 **à noite e tomam uma atitude de “tenho tão pouco tempo com os meus filhos que**
148 **não vou passar o tempo a chatear-me. Aproveito que como na escola estão mais**
149 **tempo e isso acontece lá”.**

150 Sinto. Acontece imenso. Não concordo. Embora não concorde, porque acho que
151 sem ser os dias de semana há os fins-de-semana e a partir do momento em que nós
152 escolhemos ser pais, é uma opção de vida e como tal temos de assumir. A vida muda
153 obrigatoriamente. Eu acho que o bom da vida é ser um bom conciliador, trabalhar, lidar
154 com a família e também procurar o lazer e a diversão, acho que isso como estrutura
155 familiar é que funciona e por isso as pessoas quando têm filhos têm de abdicar de

156 algumas coisas. Se calhar egoisticamente, de algumas daquelas coisas que se faziam até
157 então. Mas eu acho que é uma opção. Dá trabalho, mas a partir do momento em que
158 escolhemos ser pais, tem de ser feito.

159

160 **10.3 – E mais uma vez, consegue notar diferenças desde quando começou a**
161 **trabalhar até agora? Ou sempre foi assim?**

162 Não, houve uma diferença para pior. Talvez porque as mães também trabalham,
163 também têm grandes profissões, também têm grandes encargos e também gostam de o
164 mostrar profissionalmente, logo além de mãe, além de profissional tem de tratar de tudo
165 desta conjuntura toda, portanto torna-se um bocadinho, secalhar, cansativo para a
166 mulher. Não quer dizer que não haja partilha, acho que há muitos casais que conseguem
167 partilhar e diferenciar o que cada um tem de fazer, mas acho que o mundo laboral é
168 diferente do de há vinte anos, sem dúvida.

169

170 **11 – Como professor sente que há um trabalho conjunto entre a escola e a família**
171 **no sentido de educador as crianças para valores, ou há uma rotura entre as duas**
172 **partes?**

173 Há um trabalho conjunto. Eu sinto que alguém me pede ajuda, eu sinto que há
174 pais que às vezes não conseguem mais, pedem um bocado ajuda. Eu acho que as minhas
175 reuniões às vezes não têm nada a ver com a parte académica, mas mais um bocadinho
176 com a parte de... eles pedem muito, solicitam muito a minha opinião “Como é que eu
177 devo... Como é que eu ei de lidar... Como é que eu ei de fazer...”. E portanto, sempre
178 que querem, eu estou disposta a ajudar e a dar um bocadinho da minha experiência.

179

180 **11.1 – Quer dizer que essa ligação advém da disponibilidade da escola que os pais**
181 **aproveitam.**

182 Aproveitam um pouco também o facto de serem ouvidos pela escola para ajudar
183 a facilitar essa crise de valores que vem um bocadinho de casa.

184

185 **11.2 – Sente isso nesta escola ou vê que é assim em todas as escolas?**

186 Sinto isto nesta escola e senti na outra escola privada em que trabalhei. Não senti
187 o mesmo no público, de todo. Embora haja pessoas que se distingam, mas no geral não
188 há muita procura nem muita aproximação do professor, os pais estão lá mais para
189 desconversar do que para ter uma atitude construtiva. Não foi uma experiência que....
190 Não tive nenhum problema, mas era ir buscar os filhos e pouco mais do que isso. Não
191 procuravam de todo e por vezes havia problemas bem mais intensos do que aqui. É
192 diferente.

ANEXO 6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA R.J.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA R.J.

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspetiva do entrevistado sobre:

- › A noção de valores;
- › A forma como as crianças são educadas em valores nos dias de hoje;
- › O papel do professor na formação pessoal e social do aluno.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 17/03/2016

Hora: 16h

Duração aproximada: 35min

Local: EB1 nº1 de Benavente

DADOS DA/O ENTREVISTADA/O:

Nome: R.J.

Idade: 50

Profissão: Coordenadora de escola

Local de Trabalho: EB1 nº1 de Benavente

Anos de experiência profissional: 28

Percurso académico: Curso Magistério Primário, fazendo posteriormente a licenciatura em educação básica no Instituto Superior de Educação e Ciências

1 **1 – O que para si são valores?**

2 Os valores são o conjunto de normas pelas quais nós nos regulamos. Eu tenho
3 conceitos de valores e esses valores são muitos. O valor da gratidão, o valor da amizade,
4 o valor do respeito. São tudo conceitos que nós tentamos aplicar na prática e portanto os
5 valores já foram interiorizados na nossa infância, pela família, pela escola, e são eles
6 que nos norteiam na relação que temos com os outros.

7

8 **2 – Se tivesse de criar uma definição de valores como seria?**

9 São conceitos pelos quais nós acabamos por nos guiar e nos orientar na nossa
10 relação com os outros.

11

12 **3 – Quais são para si os valores fundamentais para a formação pessoal e social de**
13 **uma pessoa?**

14 São muitos, são muitos. Para já o respeito, a honestidade, a sinceridade, a
15 amizade, não sei, são tantos... Mas os principais são esses, acima de tudo.

16

17 **4 – Na sua opinião, esta transmissão de valores deve ser trabalhada**
18 **maioritariamente em casa, pela família, ou é papel dos professores e educadores?**

19 Mais na família, mas a escola pode ser o complemento daquilo que a família
20 poderá inculcar e escolher. Portanto pode ser uma complementaridade, mas também
21 podem ser explorados, porque a família é um grupo de elementos mais pequenos, a
22 escola é um universo de gente, de elementos, e portanto aí terão de ser trabalhados de
23 uma forma mais em pormenor. E a aplicação dos valores também é importante na escola
24 e portanto aí a escola há que desenvolver um conjunto de atividades que possamos
25 integrar o desenvolvimento desses valores.

26

27 **5–Com a experiência que tem, onde sente que tal é mais trabalhado?**

28 De qualquer maneira a família constitui o elemento principal e fundamental para
29 inculcar esses valores. Se a família falha, a escola tem obrigação e tem algum dever de
30 desenvolver esses valores com os alunos.

31 Neste momento nós estamos numa grande crise de valores, e mais do que nunca,
32 há determinadas escolas que na sua oferta complementar, ou na sua oferta educativa,
33 tem a educação para a cidadania, uma área, e portanto isso faz algum sentido. Essa área
34 permite, nesse tempo, desenvolver alguns valores e criar estratégias para que os alunos
35 consigam desenvolver e interiorizar alguns desses valores tão importantes na nossa
36 sociedade. Tal acontece porque os valores não são transmitidos em casa, estamos numa
37 crise de valores.

38

39 **6 – Está de acordo com essa realidade? Porquê?**

40 Não. Não devia, mas hoje em dia responsabiliza-se muito a escola por inculcar
41 esses valores, portanto as coisas não deveriam ser desta forma. Mas a escola neste
42 momento acaba por colmatar essas necessidades.

43

44 **7 – Sente a crise de valores que se vive hoje em dia? Tem alguma opinião sobre a**
45 **sua possível causa?**

46 Sim. Nós estamos numa crise de valores. Se o mundo é uma aldeia global
47 existem muitos fatores que condicionam essa crise de valores. Se a família não está a
48 conseguir inculcar nos elementos esses valores que são tão importantes, há
49 consequências. Há fatores, como a crise económica, a crise social. Há um conjunto de
50 fatores que acabam por condicionar essa crise. A educação, a educação também é um
51 processo que neste momento também acaba por estar um pouco em crise, digamos
52 assim. Se o processo educativo não se constrói como deve ser, de uma forma adequada,
53 depois disso vai fazer com que haja uma crise na sociedade. E portanto na sociedade
54 existem neste momento várias crises, e tudo se interliga. Acaba por se interligar e
55 portanto isso vai condicionar esta crise de valores.

56

57 **8 – Qual é o desafio dos professores em relação à construção e educação dos**
58 **valores com os seus alunos?**

59 Há uma grande crise efetivamente, e os professores sentem isso, porque os
60 alunos chegam à escola desprovidos desses valores e não só. A desmotivação que é o
61 principal fator. A desmotivação dos alunos, a desresponsabilização da família, a

62 indisciplina, os comportamentos que são pouco adequados, porque há a falha na
63 educação, nos princípios da educação na família. Portanto isto acaba por estar tudo
64 interligado, e nós, os professores e a escola depara-se com este desafio que é motivar os
65 alunos. É um processo complicado este da motivação dos alunos. Depois os recursos
66 que a escola muitas vezes tem e que não são os mais adequados. E portanto se há estas
67 duas falhas, se isto não funciona, estes dois elementos importantes, acabamos por não
68 conseguir dar respostas, a escola, os professores, não conseguimos dar resposta também
69 às necessidades muito específicas da população escolar atuais das nossas escolas.

70

71 **9 – Com o currículo que é apresentado hoje em dia no primeiro ciclo, sente que**
72 **ainda há espaço para o professor trabalhar a formação pessoal e social do aluno,**
73 **ou é algo que fica para segundo plano?**

74 Não é não. Não pode ficar para segundo plano. Neste momento, apesar de
75 termos um currículo extenso no primeiro ciclo, temos espaço ainda para trabalhar o
76 desenvolvimentos pessoais e social e a educação para a cidadania, sim. E é isso que
77 trabalhamos neste agrupamento. No primeiro ciclo temos educação para a cidadania
78 como oferta complementar. E estamos a trabalhar. Temos um pequeno projeto de
79 educação para a cidadania, portanto estamos a trabalhar nesse sentido. Todos os alunos
80 do primeiro ciclo têm neste momento, no seu horário, educação para a cidadania. E nós
81 temos, nesse projeto que nós temos, podemos ter a contribuição das instituições locais, a
82 virem à escola, fazer sessões de sensibilização nesses sentido, no reforçar e no educar
83 para cidadania. Nós temos a ideia de continuar nos próximos anos com a educação para
84 a cidadania.

85 **9.1 – E qual é o feedback dos alunos?**

86 É positivo. O feedback é positivo, se bem que isto é um processo longo. Num
87 ano, não se consegue obter os resultados que nós gostaríamos. É difícil. Portanto isto vai
88 ser um processo que pode se estender por um ano, dois anos, três anos, é a médio e a
89 longo prazo.

90

91 **9.2 – Nota diferença desde o princípio, quando começou a trabalhar para agora?**

92 Sim, sem dúvida, abismal. Mais desmotivação por parte dos alunos, a escola não
93 consegue responder às necessidades específicas dos alunos, porque lá fora eles
94 conseguem ter outras solicitações. Portanto as novas tecnologias vieram fazer com que
95 haja muito mais motivação, os alunos estão muito mais focados nas novas tecnologias e
96 às vezes na escola nós não conseguimos ter recursos que possam abranger todos os
97 alunos, porque numa sala de aula nós acabamos por ter um computador e eles são vinte
98 e seis. Eles estão muito mais focados para os jogos de computador, as redes sociais,
99 uma série de estímulos que os absorvem e muitas vezes a atenção deles está muito mais
100 virada para esse tipo de estímulos. E não pode ser só. O processo de aprendizagem
101 muitas vezes tem de passar por outros meios, não se pode resumir só aos meios
102 informáticos.

103

104 **10–Baseando-se na sua experiência, e falando de um modo generalizado, qual é a**
105 **ideia que sente que os encarregados de educação têm em relação ao papel da escola**
106 **no que está ligado à transmissão de valores? Sente que é algo que deixam para a**
107 **escola, ou que têm cuidado a que seja algo trabalho em casa?**

108 Na maior parte dos pais, eu acho que eles entendem que a escola é uma
109 transmissão de conhecimento, mas não pode ser só, neste momento a escola não pode
110 ser só transmissão de conhecimentos. A sociedade atual exige que a escola seja muito
111 mais do que isso, e há pais realmente, que depositam na escola essa obrigação, é quase
112 como que uma obrigação, que a escola deve ser mesmo a transmissão de
113 conhecimentos. Mas os pais também podem ter o seu contributo nessa transmissão de
114 conhecimentos e de valores, ao fim ao cabo.

115

116 **10.1 – Mas pela experiência que tem sente que os pais fazem questão de transmitir**
117 **valores aos seus filhos, ou por exemplo, por causa do excesso de trabalho que têm**
118 **hoje em dia, preferem passar o pouco tempo que têm com os seus filhos para se**
119 **divertirem e mimarem os filhos, deixando essa educação de valores para a escola?**

120 Sim, eles remetem isso para a escola, sem dúvida nenhuma. Uma grande
121 percentagem dos encarregados de educação é isso que pensa e remete realmente para a
122 escola, que a escola tem de ser isso tudo, mas não pode. Lá está, relegam para a escola
123 muitas vezes o papel da família. A escola tem de ser isso mesmo, é transmissão de

124 conhecimentos, a transmissão de valores, mas não pode ser bem assim. A escola pode
125 ser o complemento, a família não pode renegar para segundo plano.

126

127 **10.2 – E mais uma vez sente diferenças do início da sua carreira profissional para**
128 **agora?**

129 Sim, sem dúvida nenhuma. Os pais entendiam a escola com respeito. A figura do
130 professor era tida como a pessoa que se deve respeitar e a quem nós devemos muito. A
131 escola e o professor tinham outro valor. O professor tinha autoridade, neste momento
132 não tem. Houve uma mudança quase opostos. Neste momento o professor e a escola
133 acabam por ser desvalorizados, digamos assim. Têm os seus papéis, mas a sociedade
134 hoje em dia, os pais deveriam atribuir aos professores realmente, o papel e a
135 importância que ele tem. Portanto o professor devia reaver essa autoridade, que acaba
136 depois por ter as suas consequências, como não tem autoridade temos a indisciplina,
137 enfim, uma série de coisas.

138

139 **11 – Como professor sente que há um trabalho conjunto entre a escola e a família**
140 **no sentido de educador as crianças para valores, ou há uma rotura entre as duas**
141 **partes?**

142 Eu penso que há um trabalho conjunto, sem dúvida. Neste momento, eu acho
143 que em diferentes ciclos temos uma opinião diferente. Eu acho que há situações,
144 depende da localização da escola. Depende se é província se é meio urbano. Eu acho
145 que ainda se misturam um bocadinho as coisas. Nós, primeiro ciclo, em determinados
146 locais, sentimos que há um trabalho conjunto entre a escola e os pais. A escola também
147 faz um esforço, constrói projetos em que os pais sejam levados à escola e que haja essa
148 articulação entre pais e escola. Mas depois também há outros locais em que se sente que
149 os pais não vão à escola, mas enfim, tentamos que a escola, os agrupamentos, porque as
150 escolas fazem parte dos megaagrupamentos, e fazem projetos nesse sentido, em que os
151 pais são levados à escola. Mas muitas vezes os pais também não participam tanto
152 quando se desejaria.

153 Neste momento a escola tenta chamar à escola os pais. Muitas vezes há projetos
154 nesse sentido, há estratégias que a escola arranja para que os pais venham à escola. Se
155 não fosse assim, os pais não vinham à escola. Digamos que há um afastamento dos pais

156 à escola, e depois surgem problemas com os educandos. E há problemas, pelo menos na
157 parte disciplinar, em que os pais são chamados e muitas vezes não vêm. Casos
158 concretos em que há elementos, por exemplo, em determinadas turmas há elementos
159 desestabilizadores, elementos que põem em causa o bom funcionamento das aulas.
160 Esses elementos, os pais são chamados à responsabilidade e muitas vezes eles não
161 aparecem. Portanto há um distanciamento. E aí conseguimos perceber que, nesses
162 alunos, houve uma falha da parte da família relativamente à interiorização dos valores.

ANEXO 7 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO ADMINISTRADOR L.C.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO ADMINISTRADOR L.X.C

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspetiva do entrevistado sobre:

- › A noção de valores;
- › A forma como as crianças são educadas em valores nos dias de hoje;
- › O projeto que desenvolveu;
- › Necessidades sentidas que levaram à construção do projeto;
- › Objetivos do projeto.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 07/03/2016

Hora: 12h

Duração aproximada: 60min

Local: Universidade dos Valores

DADOS DA/O ENTREVISTADA/O:

Nome: L.C.

Idade: 38

Profissão: Administrador Instituto Luso-Ilírio para o Desenvolvimento Humano

Local de Trabalho: Universidade dos Valores

Anos de experiência profissional: 16

Percurso académico: Licenciatura em Sociologia pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa e Doutoramento em Ciências da Educação pela Universidade Católica de Lisboa

1 **1 – O que para si são valores?**

2 Valores no fundo são guias que nos orientam para tomar decisões que depois afetam as
3 nossas atitudes, os nossos comportamentos e as nossas práticas, e nesse sentido são
4 princípios fundamentais que orientam a conduta humana. Do ponto de vista mais
5 tipológico, existem vários tipos de valores, nós focamo-nos muito nos valores que
6 transpassam as culturas, chamamos os valores universais, e nesse sentido distanciam-se
7 de uma noção mais preferencial, ou seja, dos valores enquanto preferências, enquanto
8 contingências para serem princípios mais estruturantes, mais estáveis e que atravessam
9 tempos, épocas, culturas, ideologias, etc. Mas é uma discussão abrangente, porque
10 existem também valores que não contingentes, que são momentâneos, o valores estético
11 por exemplo. Mas não é desses valores que nós tratamos na nossa atividade.

12 Eu diria que são princípios fundamentais que regem a conduta humana e através
13 dos quais podemos criar uma ética que seja válida em vários contextos.

14

15 **2 – Quais são para si os valores fundamentais para a formação pessoal e social de**
16 **uma pessoa?**

17 São precisamente os valores que não são contingentes às circunstâncias, aos
18 ambientes culturais e portanto são os tais valores universais. E aí podemos enquadrar
19 talvez valores como os democráticos, por exemplo, a liberdade, a igualdade, a paz, a
20 justiça, mas acho que esses só se alcançam se forem trabalhados a outros níveis, que não
21 são só o nível mais social e abrangente, mas já ao nível interpessoal e intrapessoal.
22 Portanto, aí diria valores como o respeito, a tolerância, a empatia, a compaixão, talvez
23 valores que são também muito inerentes à nossa própria condição humana, que nos
24 distinguem enquanto seres humanos, e portanto a lealdade, a compaixão e talvez o
25 amor, não enquanto emoção, mas enquanto princípio fundamental que abrange muitos
26 dos outros. Aliás nós vemos muito o amor como sendo um critério fundamental para a
27 definição dos valores, porque o amor é mais orientado ao outro do que a nós próprios, é
28 sacrificial, é generalizável, portanto se é bom para mim é bom para outras pessoas, não
29 é só bom para mim. Nós podemos avaliar outros valores com base nesse padrão.
30 Queremos ver se a compaixão é um bom valor ou não, vamos ver se é mais orientado ao
31 outro ou se é mais orientado para mim próprio, se é bom para mim também será bom

32 para os outros. Portanto no fundo nós vemos um bocado o amor como um sistema ético
33 por si só, um valor fundamental, digamos assim.

34

35 **3 – Na sua opinião, esta transmissão de valores deve ser trabalhada**
36 **maioritariamente em casa, pela família, ou é papel dos professores e educadores?**

37 Esse é um debate comum, de passar a bola de um lado para o outro para ver
38 quem é que realmente tem responsabilidades. Eu acho que todos têm parte de
39 responsabilidade. Obviamente que nunca podemos pensar que a família não tem um
40 papel importante, porque é na família que a criança nasce, que começa a ter os seus
41 primeiros níveis de desenvolvimento e portanto idealmente os valores devem ser
42 começados a trabalhar logo de início. Aliás, nos três primeiros anos de vida, há muito
43 de valores que se aprende, e portanto assumindo que a criança passa mais tempo, nos
44 seus primeiros tempos de vida, com os seus progenitores e com a sua rede mais próxima
45 que é a família, deve ser na família que eles começam. No entanto, também sabemos
46 que as crianças vão muito cedo para instituições escolares, para creches, jardins-de-
47 infância, e depois prosseguem na escola e na escola estão a maior parte do seu tempo.
48 Portanto ai a escola tem também uma responsabilidade indissociável da tarefa de
49 educar, na tarefa de transmitir valores. Na minha perspetiva não é possível separar essas
50 duas dimensões. Não é possível educar sem valores. Ainda que as pessoas estejam só a
51 ensinar a língua português e a matemática, estão a transmitir valores, sempre, explícita
52 ou implicitamente. Portanto acho que ninguém se pode distanciar desta tarefa, nem a
53 família, nem a escola, nem as outras instituições sociais, a comunidade, um clube de
54 desporto ou uma associação recreativa. Todas as entidades estão a transmitir valores e
55 portanto não se devem distanciar dessa responsabilidade.

56 Se me perguntar qual é o processo ideal, é uma família que tem isso plenamente
57 presente na sua tarefa de educação, e logo desde cedo transmite valores. Mas se isso não
58 acontecer, a sociedade como um todo tem de trabalhar para esse mesmo objetivo e não
59 ficar refém da justificação comum “Isso trabalha-se na família e se não se trabalhar na
60 família não há nada que se possa fazer.”. Não, não concordo.

61

62 **4 - Uma vez que a sua área profissional desenvolve-se no campo dos valores, tem**
63 **alguma noção do que na realidade acontece?**

64 Maioritariamente, eu diria que as famílias transmitem valores, e se nós
65 chegarmos à escola e formos ver, não podemos dizer que a maioria dos alunos tem um
66 défice de valores estrutural. Há uma grande confusão de valores, sim. As famílias
67 também transmitem os valores que assumem como prioritários e muitas famílias e
68 jovens pais, têm uma grande confusão de valores, muito pelas sociedades ocidentais
69 principalmente. Uma certa cultura mais materialista faz com que os valores materiais se
70 sobreponham a outros valores. Portanto os valores são transmitidos, agora, “Qual a
71 hierarquia?”, “Que valores estão a ser transmitidos prioritariamente?”, aí sim, como
72 dizia há pouco, podemos considerar que há uma crise de valores. E portanto essa crise
73 começa onde começa a educação, na família, sem dúvida, mas depois continua, e a crise
74 de valores continua na escola, e acho que ainda se aprofunda mais na escola do que na
75 família, porque a escola está muito divorciada da tarefa da educação para valores.
76 Acreditou-se que se podia educar simplesmente transmitindo um currículo de
77 conhecimento explícito, informação estruturada e que os valores eram tarefas de outros,
78 e portanto a escola está a aprofundar ainda mais esse fosso e essa crise de valores.

79 No meu doutoramento trabalhei isso, e para além de ter feito um inquérito
80 nacional representativo da população portuguesa, em que de facto as pessoas sentem
81 que há uma crise de valores. Eu analisei dados de 1999 e comparei com dados de 2009 e
82 há um acréscimo dessa sensação. Depois por outro lado, a escolaridade influencia os
83 valores, influencia a importância que é dada aos valores, negativamente, o que significa
84 que a escola está a ter um contributo negativo para a promoção dos valores, não é só a
85 família.

86

87 **5 – Está de acordo com essa realidade? Porquê?**

88 (não se proporcionou, devido ao rumo que a conversa tomou)

89

90 **6 – Sente a crise de valores que se vive hoje em dia? Tem alguma opinião sobre a** 91 **sua possível causa?**

92 Porque os currículos estão esvaziados dessa preocupação. O sistema todo está
93 orientado para atingir metas, metas que são muito externas, muito saber ler e escrever,
94 saber fazer contas, cálculos, etc. No fundo os objetivos PISA. Portanto as escolas e os
95 governos querem ficar bem na fotografia no PISA. Mas não é no PISA que se

96 constroem bons cidadão e pessoas felizes, e portanto os currículos precisam de
97 reintegrar a educação para os valores de uma forma mais explícita, caso contrário
98 ficamos sempre dependentes de professores bons, que tenham vocação e que percebam
99 que têm inerente à sua tarefa de transmitir conhecimento explícito, têm uma missão de
100 transmitir conhecimento tácito, que são os valores. E se tivermos sorte que os nossos
101 filhos tenham esses professores, temos a sorte deles terem esse contributo. Se não, se o
102 professor se limitar ao cumprimento estrito do currículo, temos de facto uma educação
103 vazia de valores e é isso que temos nos últimos trinta anos.

104 Há muita pressão para as metas muito estruturadas de conhecimento explícito e
105 há poucas ferramentas para os professores trabalharem naturalmente os valores, porque
106 é possível trabalhar temas que tenham uma certa intensidade de valores, para o
107 currículo, para os objetivos curriculares, só que os professores hoje têm muitas
108 ferramentas muito estruturadas, as editoras hoje trabalham muito em função disso, de
109 preparar os manuais, as fichas de atividades, etc. e nada disso vai ao encontro deste
110 equilíbrio desejado entre conhecimento técnico e o conhecimento dos valores.

111

112 **7 – Pode explicar-nos então um pouco o que é a Universidade dos Valores?**

113 A Universidade dos Valores não é uma instituição do ensino superior, como o
114 nome poderia indicar. É uma metáfora para um espaço que tem as condições, que uma
115 universidade normalmente tem, para ensinar algo, ou para promover o conhecimento
116 sobre algo. Neste caso temos a investigação, em ciências da educação e outras áreas de
117 fronteira, como a filosofia, a sociologia, a psicologia, em que fazemos investigação
118 permanente sobre educação para valores. Normalmente investigação aplicada, ou seja,
119 com projetos de intervenção, não investigação fundamental. Depois damos formação a
120 professores, damos formação a outros agentes educativos, a pais, a pessoas que
121 trabalham na área da juventude, na área do desporto, em várias áreas. Damos formação
122 certificada, ou não, nesta área dos valores, da ética. Depois temos espaços de formação,
123 de conferências, de alojamento para grupos que vêm cá e ficam, por exemplo uma
124 semana a fazer um curso. E depois temos um espaço museológico, digamos assim, um
125 centro de conhecimento, que é o museu dos valores universais e que tem um espaço de
126 ciência viva sobre os valores, onde crianças, jovens e famílias podem aprender sobre
127 valores de uma forma lúdica, interativa, com muita tecnologia, de forma a que se torne
128 atrativo e ao mesmo tempo simples, para que a mensagem fundamental passe, que é a

129 sensibilização para os valores. Portanto a Universidade dos Valores é este espaço que
130 agrega todos estes projetos e onde também é um centro de convergência de um
131 programa que está nas escolas, que é o Led on values, e que aqui no fundo os
132 professores podem renovar, quer a formação, que o seu compromisso de implementação
133 ao longo do anos, nas escolas do programa Led. E no fundo é aqui que trabalhamos a
134 nossa atividade nestas áreas.

135

136 **7.1- Em termos de formação, tirando o museu, é tudo para adultos, para agentes**
137 **educativos, ou há algo para crianças?**

138 A formação, que nós não chamamos formação, chamamos ações de
139 sensibilização, e fazemos isso também para jovens, quer nas escolas, que em atividades
140 aqui. Portanto fazemos através de formadores que vão às escolas, dão formação aos
141 professores e depois fazem ações juntos das crianças e dos jovens. Temos feito isso
142 principalmente na área da ética e do desporto. Fizemos durante um ano e meio, tivemos
143 cerca de 50.000 jovens a participar ao longo de um ano e meio em várias escolas por
144 todo o país.

145

146 **8 – Porque sentiu necessidade de criar este projeto? (Quanto tempo é que o projeto**
147 **tem?)**

148 A Universidade dos Valores foi inaugurada agora, em janeiro deste ano. É um
149 projeto que já vem sendo construído fisicamente há cinco anos. Reabilitámos este
150 edifício que estava em ruína e temos vindo a construir fisicamente o espaço aqui. Como
151 projeto, é um projeto que tem cerca de sete anos e que nasce como resposta ao trabalho
152 antecedente que já tínhamos começado no programa Led e nos projetos de investigação
153 e desenvolvimentos que fomos desenvolvendo. Sentimos necessidade de não ter um
154 projeto quase virtual, que não tem um espaço e que tinha recursos nas escolas, que é o
155 programa Led e sentimos necessidade de ter um espaço que fosse uma âncora para este
156 esforço permanente descentralizado, um espaço onde agregássemos as nossas equipas
157 de investigação, que consolidássemos as parcerias de investigação, porque nós não
158 fazemos investigação sozinhos, fazemos com faculdades de várias áreas, até da
159 biotecnologia, da educação, etc. e portanto precisávamos de um espaço para fazer esse
160 trabalho. E depois precisávamos de um espaço onde os professores e os alunos, pelo

161 menos uma vez por não viesses ter ações presenciais que renovassem esse compromisso
162 com o programa led ao longo do ano, porque se não é muito fácil haver dispersão.
163 Falávamos há bocado na pressão constante que os professores têm a nível do currículo,
164 eles têm os recursos do Led, eles utilizam-nos regularmente, mas às vezes é fácil
165 esquecerem-se, portanto há essa oportunidade de renovar o compromisso.

166

167 **8.1 – E o programa Led, porque sentiu necessidade de o criar?**

168 O objetivo do programa LED foi, como lhe referi, devolver à comunidade escolar a
169 centralidade dos valores na educação. Temos um sistema educativo totalmente
170 desequilibrado no que respeita às competências curriculares e às transversais, ao
171 conhecimento explícito e ao tácito, à técnica e aos valores. Assim, num contexto de
172 prioridade às competências e currículo eminentemente técnicos, o LED pretende
173 introduzir os valores, trazendo mais equilíbrio ao esforço educativo. Equilíbrio e
174 eficiência, porque sem valores não se ensina nem se aprende matemática ou seja o que
175 for... Assim, fornecemos aos professores e às escolas, recursos e ferramentas para
176 reintegrarem os seus programas curriculares na vocação mais abrangente que é educar.
177 E educar é sempre educar para valores, com ou sem intenção.

178

179 **8.2- E o programa Led já tem quanto tempo?**

180 O programa Led foi iniciado em 2009, portanto tem sete anos. Está já em mais
181 de 700 escolas em todo o país, com cerca de 2.500 professores formados com uma
182 certificação do Conselho Científico pedagógico, e depois temos mais outros agentes
183 educativos noutras áreas, por exemplo, temos treinadores de desporto, mais de 2.000
184 também, com formação certificada em ética no desporto, ou seja, valores através do
185 desporto. Nós fizemos uma parceria com a secretaria de estado da juventude e desporto
186 e foi criado o Plano Nacional de Ética no Desporto (PNED). Nós temos sido, no fundo,
187 um parceiro de grande intervenção nas escolas, nos clubes, para esse plano, que é um
188 plano governamental, e portanto teve muito impacto. E continua a ter. Há muito mais
189 visibilidade da educação através do desporto e nesse campo os senhores do desporto
190 estão um bocadinho a ganhar ponto em relação aos senhores da educação, que têm
191 alguns recursos, algumas iniciativas, mas assim um bocado soltas. Não há, por exemplo,
192 um plano de ética para a educação.

193

194 **8.3 – A parceria que existe entre o programa a Led e as escolas, é procurado pelas**
195 **escolas?**

196 Em geral sim. Há várias maneiras das escolas aderirem ao Led com mais ou
197 menos intensidade. Nós temos formas deles aderirem através da formação, por exemplo,
198 informamos que temos uma informação sobre educação para valores, ou literacia social
199 disponível em determinadas regiões do país. Os professores inscrevem-se sabendo que
200 depois vão ter oficinas de formação, portanto têm a parte presencial e a parte de trabalho
201 autónomo, quinze mais quinze horas, e na parte de trabalho autónomo eles trabalham os
202 recursos do programa Led. Depois têm o acompanhamento do formado nas sessões
203 presenciais para ver como está a correr, que resultados está a ter, que resultados não está
204 a ter. Portanto é uma forma dos professores acederem aos recursos do Led diretamente e
205 terem apoio para isso a nível de formação.

206 Há outras escolas que querem fazer um plano que é menos individual, que não é
207 professor a professor mas é para a escola toda e querem nesse plano ter acesso a todos
208 os recursos do Led, querem organizar ações de formação na escola, querem envolver a
209 família dos alunos e portanto faz-se um plano concreto para aquele agrupamento ou
210 para aquela escola. Portanto as intensidades e profundidades de intervenção são
211 diversas.

212

213 **8.4 – Há mais incisão em escolas públicas ou privadas?**

214 Mais públicas. Nós temos trabalhado sobretudo com escolas públicas. As escolas
215 privadas vão aparecendo porque têm conhecimento, mas eu diria que 99% do nosso
216 trabalho é com as escolas públicas.

217 Tivemos algumas parcerias com o Ministério da Educação. O Ministério da
218 Educação faz parte do nosso conselho de peritos que acompanha os nossos projetos.
219 Têm uma pessoa indicada pelo Ministério, pela Direção Geral de Educação, para
220 acompanhar os nossos projetos. E houve situações em que eles foram mais, ou menos,
221 ativos na divulgação dos recursos. Houve uma fase em que foram bastante ativos na
222 educação para a saúde, com a parte da ética da sexualidade, foram muito ativos. Na
223 altura havia direções regionais de educação, fizemos ações de formação às escolas, aos

224 agrupamentos em todo o país. De alguma forma temos beneficiado em o ensino público,
225 até intencionalmente, acho que é onde há mais necessidade.

226 A maioria das escolas privadas já têm um vínculo religioso, estão ligados à
227 Igreja e normalmente já têm os seus programas de educação para valores, chamando
228 isso ou outra coisa. Há uns que chamam formação humana, ou educação moral e têm
229 isso, normalmente, já bastante estruturados. Têm menos necessidade. Outros colégios
230 privados, também se diferenciam um bocado pelo projeto educativo que têm e então no
231 seu projeto educativo normalmente já têm respostas estruturadas na educação para
232 valores. Talvez de forms perguntar aos colégios, eles talvez se possam sentir um pouco
233 discriminados por nós, porque nós temos sido muito pró-ativos no diálogo com eles,
234 temos privilegiado mais a escola pública. Foi uma opção que fizemos, porque sabemos
235 que é aí que existe mais necessidade.

236

237 **9–Qual é a missão / objetivo, da universidade dos valores?**

238 A nossa missão é educar para o indivíduo integral. Nós consideramos que há um
239 certo divórcio na educação, entre aquilo que é a dimensão meramente intelectual,
240 cognitiva da pessoa, com a sua dimensão humana, mais profunda, emocional, até
241 espiritual. Então, achamos que a nossa missão é reequilibrar esta balança da educação
242 entre o conhecimento explícito e o conhecimento tácito, entre a técnica e a mestria
243 cognitiva e a mestria humana, os valores. Porque se não temos profissionais muito
244 competentes em tarefas técnicas, mas vazios de valores. É aquela célebre ideia do ladrão
245 competente. Ele pode ser competente porque sabe arrombar muito bem uma fechadura e
246 muito rápido, mas está a fazer algo que é prejudicial à sociedade, e em última análise a
247 ele próprio. Portanto temos de ter pessoas competentes no sentido total do termo. Por
248 isso é que também a palavra universidade vem dessa ideia de totalidade, de universo.
249 Nós somos um universo, somos um microcosmos, enquanto pessoas não podemos estra
250 a educar apenas para uma parte dessa pessoa, que é a parte cognitiva, temos de educar
251 para a totalidade, e essa é a missão da Universidade dos valores. É educar para a
252 totalidade da pessoa, para o desenvolvimento integral do indivíduo nas suas várias
253 dimensões. É a missão da Universidade dos Valores e por inerência do programa Led.

254

255 **10 – Acredita que o projeto possa vir a ter alguma influência na formação pessoal e**
256 **social das gerações futuras?**

257 Nós sempre que conseguimos fazemos medição de resultados, de impacto dos
258 nossos programas, dos nossos projetos. Ou seja, medimos se houve alterações nas
259 crianças, nos jovens nos professores, nos pais, pelo facto de teres participado, ou de
260 terem utilizado recursos que nós produzimos. E aquilo que nós verificamos é que sim,
261 que existem impactos positivos no desenvolvimento pessoal e social das pessoas, dos
262 indivíduos, das crianças. Eles saem dos nossos programas com melhores capacidades
263 pessoais e relacionais. Saem mais sensíveis ao seu contributo para a sociedade, para o
264 bem comum. No entanto, isto para ser sustentável no tempo, precisa de ser também
265 medido ao longo do tempo. E sobretudo quando estamos a falar de educar para valores
266 os resultados não podem ser medidos de imediato, os resultados são vistos quando a
267 criança que teve, por exemplo, em todos o primeiro ciclo, uma abordagem que integrava
268 valores, vamos ver como é que essa criança está a secalhar na universidade, ou no
269 mercado de trabalho, ou enquanto membro de uma nova família que constituiu, que
270 competências tem para constituir essa família. Porque vemos que esses são os objetivos
271 de vida de uma pessoa, é constituir uma família, e portanto é para isso que devemos
272 educar. Não é só para serem uns profissionais muito competentes. Se a vida das pessoas
273 fosse só o trabalho, aí admitiria, ainda com reservas, que vertente técnica tinha de ser a
274 mais importante, mas não é isso que as pessoas querem. Deve ter visto, nos resultados
275 do meu estudo, que o primeiro objetivo de vida era ter uma família sólida, o segundo
276 era amar e ser amado, o terceiro era ser honrado, depois era ser um profissional
277 competente. Portanto as pessoas para serem felizes precisam de determinadas coisas.
278 Será que nós enquanto sociedade estamos a dar os instrumentos e as ferramentas para as
279 pessoas atingirem os objetivos que definem? Talvez não. Talvez nos estejamos a focar
280 em competências que depois não servem para nada para as pessoas.

281

282 **10.1 – Como é que fazem essa medição?**

283 Fazemos estudo de impacto nas escolas, por exemplo, estamos a implementar o
284 programa Led numa escola. Fazemos inquéritos no início, com base *line* de observação
285 de como é que estão as coisas antes da observação. Fazemos inquéritos aos alunos, aos
286 professores e aos pais, e depois no final do ano letivo fazemos novamente o mesmo
287 inquérito. Depois normalmente também fazemos grupos de controlo durante a

288 intervenção, ou seja, onde houve turmas e alunos a utilizar os recursos fazemos esses
289 inqueridos, e numa turma, ou grupo de alunos que não utilizaram esses recursos
290 fazemos o mesmo inquérito e comparamos os resultados. Com métodos quantitativos,
291 de inquérito e/ou método qualitativos, por exemplo estudo de caso, fazemos entrevistas
292 também, fazemos *focus* grupos com grupos de alunos, com grupos de professores. E
293 temos feito alguns. São atividades dispendiosas, portanto não conseguimos fazer sempre
294 em todos os casos, mas já temos feito com regularidade, o que nos permite ir
295 acompanhando os resultados.

296

297 **10.2 – Sente que o projeto tem crescido?**

298 Sim, tem crescido a vários níveis. Tem crescido ao nível de adesão de escolas e
299 de professores. O programa tem vindo sempre a crescer exponencialmente, portanto há
300 sem dúvida e interesse que o programa tem sido útil. E depois tem crescido
301 internamente, com mais recursos, com mais investimento. Começámos com um
302 módulo, que era o módulo valores em ação. Agora temos seis módulos em diversos
303 temas, diversas faixas etárias, diversas metodologias, portanto ele também tem crescido
304 enquanto programa por si.

305

ANEXO 8 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

Categorias de codificação	Subcategorias	Unidades de registo
Consideração dos entrevistados sobre a noção de valores	Saber viver em sociedade	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 4: “a questão dos valores tem muito a ver com a questão do saber conviver com os outros, saber viver em sociedade.” • Anexo 6, linha 2: “Os valores são o conjunto de normas pelos quais nos regulamos.”
	Base da educação	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 2: “Valores é aquilo que trazemos da base da educação e que depois vamos aplicando nas situações do dia-a-dia.” • Anexo 4, linha 7: “aquilo que cada um tem dentro de si.” • Anexo 5, linha 2: “Os valores vêm de casa, portanto a educação e todo o percurso que nós temos com as nossas famílias.” • Anexo 6, linha 5: “os valores já foram interiorizados na nossa infância, pela família, pela escola.”
	Guias orientadores	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 6, linha 9: “conceitos pelos quais nós acabamos por nos guiar e nos orientar.” • Anexo 7, linha 2: “guias que nos orientam para tomar decisões que depois afetam as nossas atitudes.”
	Princípios estruturantes	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 7, linha 4: “são princípios fundamentais que orientam a conduta humana.”

	Amor	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 7, linha 26: “nós vemos muito o amor como sendo um critério fundamental para a definição de valores, porque o amor é mais orientado ao outro do que a nós próprios, é sacrificial, é generalizável, portanto se é bom para mim é bom para outras pessoas.”
Valores fundamentais para a formação pessoal e social do indivíduo	Valores democráticos	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 3, linha 23: “O respeito.” Anexo 3, linha 25: “acho que o respeito pelo próximo é fundamental.” Anexo 4, linha 17: “O respeito também, o amor pelo outro.” Anexo 6, linha 14: “o respeito, a honestidade, a sinceridade, a amizade.” Anexo 7, linha 19: “a liberdade, a igualdade, a paz, a justiça.” Anexo 7, linha 22: “valores como o respeito, a tolerância, a empatia, a compaixão.”
	Sabedoria	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 4, linha 12: “a sabedoria é um valor muito importante.”
	Valores cristãos	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 4, linha 12: “A honestidade, a amabilidade e até a fé, porque a fé é pôr esperança nas várias coisas.” Anexo 5, linha 7: “assentam na solidariedade, na educação e na partilha.”
Principal instituição responsável pela transmissão de valores	Família	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 3, linha 41: “a base da pirâmide tem de ser trabalhada em casa.” Anexo 3, linha 45: “a família onde eles estão inseridos será a base.” Anexo 4, linha 22: “deve ser trabalhado maioritariamente em

		<p>casa.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 24: “No fundo é como se fosse um corpo, esta transmissão é o esqueleto, que vem de casa, depois a escola ajuda a compor.” • Anexo 5, linha 20: “esses princípios base vêm de casa.” • Anexo 6, linha 28: “a família constitui o elemento principal e fundamental para inculcar esses valores.” • Anexo 7, linha 45: “deve ser na família que eles começam.”
	Escola	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 43: “a escola tem um papel fundamental nesta questão dos valores.” • Anexo 4, linha 22: “a escola é claro que não se pode abster da transmissão de valores.” • Anexo 5, linha 16: “o professor do primeiro ciclo, acho que tem um papel fundamental.” • Anexo 7, linha 48: “a escola tem também a responsabilidade indissociável da tarefa de educar, na tarefa de transmitir valores.”
	Trabalho conjunto Escola/Família	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 5, linha 20: “apesar das crianças hoje em dia passarem muito tempo na escola, esta funciona ainda como um complemento.” • Anexo 6, linha 19: “Mais na família, mas a escola pode ser o complemento daquilo que a família poderá inculcar e escolher.” • Anexo 7, linha 39: “todos têm parte de responsabilidade.” • Anexo 7, linha 50: “Não é possível educar

		<p>sem valores.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • Anexo 7, linha 54: “Todas as entidades estão a transmitir valores e portanto não se devem distanciar dessa responsabilidade.”
Transmissão de valores como papel exclusivo da escola	Discordam	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 92: “não posso de todo concordar com este tipo de situação.” • Anexo 4, linha 39: “Não, mas infelizmente é a realidade da nossa sociedade.” • Anexo 5, linha 43: “Não, mas também acontece pontualmente nós termos uma influência maior.” • Anexo 6, linha 40: “Não. Não devia, mas hoje em dia responsabiliza-se muito a escola por inculcar esses valores.”
Crise de valores. Possíveis causas	Sensação	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 117: “Sinto. Sinto no supermercado. Em coisas básicas do dia-a-dia. Sinto em e-mails que recebo dos pais. Sinto nas crianças. Sinto no hospital, sinto no centro de saúde, sinto na rua, sinto no trânsito.” • Anexo 4, linha 52: “Sim, acho que sim. Nós vemos no trânsito, nós vemos no supermercado.” • Anexo 6, linha 40: “Nós estamos numa crise de valores.”
	Emancipação	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 130: “A causa tem a ver com a emancipação da sociedade. A questão de querermos ser sempre os melhores. A exigência do mundo do mercado.” • Anexo 3, linha 140: “com a emancipação da mulher.”

	Globalização	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 145: “tem a ver com toda a evolução, a globalização” • Anexo 4, linha 59: “a evolução tem coisas boas, mas depois esta parte dos valores fica um bocadinho esquecida.” • Anexo 4, linha 63: “A causa é a sociedade de hoje em dia.”
	Modo de vida	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 52: “As pessoas vivem numa adrenalina muito grande, e esta adrenalina faz com que as pessoas não vivam serenamente, e nós só podemos pôr os valores em prática se vivermos serenamente.” • Anexo 4, linha 72: “Nós há uns anos socializávamos muito mais, ponhamos uma série de valores em prática, hoje em dia, um para um, é difícil pôr os valores em prática.”
	Família	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 5, linha 91: “os pais saírem em proteção sempre dos filhos, independentemente de terem ou não razão. • Anexo 7, linha 66: “As famílias também transmitem os valores que assumem como prioritários e muitas famílias e jovens pais, têm uma grande confusão de valores, muito pelas sociedades ocidentais principalmente. Uma certa cultura mais materialista faz com que os valores materiais se sobreponham a outros valores. Portanto os valores são transmitidos, agora "Qual a hierarquia?", "Que valores estão a ser transmitidos

		prioritariamente?", aí sim, como dizia há pouco, podemos considerar que há uma crise de valores. E portanto essa crise de valores começa onde começa a educação, na família."
	Crises diversas	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 6, linha 49: "com a crise económica, a crise social." • Anexo 6, linha 50: "a educação também é um processo que neste momento também acaba por estar um pouco em crise, digamos assim. Se o processo educativo não se constrói como deve ser, de uma forma adequada, depois isso vai fazer com que haja uma crise na sociedade."
	Escola	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 7, linha 92: "Porque os currículos estão esvaziados dessa preocupação." • Anexo 7, linha 104: "Há muita pressão para as metas muito estruturadas de conhecimento explícito e há poucas ferramentas para os professores trabalharem naturalmente os valores."

A missão desafiadora dos professores primários na atualidade	Informação	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 3, linha 160: “Perceber o que é que existe.”
	Conhecimento implícito	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 4, linha 82: “conseguir incluir no currículo os valores nas situações no dia-a-dia.” Anexo 4, linha 88: “não só através da transmissão de conhecimento incluir valores, mas discutir situações de recreio, que os miúdos tragam para dentro de aula os vários problemas e que sejam discutidos em conjunto, de forma a transmitir valores.”
	Empenho do docente	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 3, linha 166: “tentarmos encontrar um espaço para que isso aconteça.” Anexo 5, linha 102: “batalhar mais na escola, nos princípios essenciais para que se formem como um adulto com uma boa conduta.”
	Motivação	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 6, linha 64: “motivar os alunos.”
Formação pessoal e social em segundo plano, face à extensão do currículo do primeiro ciclo	Afirmativo / Concorda	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 3, linha 176: “Fica para segundo plano” Anexo 4, linha 101: “Fica para segundo plano se o professor não estiver consciente e se não tiver como um dos objetivos principais a transmissão de valores.” Anexo 5, linha 118: “Às vezes não há muito tempo para abordar esses temas.” Anexo 5, linha 120: “acho que nos condiciona um bocadinho.”
	Negativo / Discorda	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 6, linha 74: “Não pode ficar para segundo plano.” Anexo 6, linha 74: “apesar de termos um currículo extenso no

		primeiro ciclo, temos espaço ainda para trabalhar o desenvolvimento pessoal e social e a educação para a cidadania, sim.”
Mudanças ao longo dos tempos	Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 112: “cada vez olhamos mais para números e não tanto a qualidade.” • Anexo 5, linha 125: “As metas são muito mais exigentes, há um currículo para dar, o professor deve acabá-lo.” • Anexo 5, linha 128: “Estamos a trabalhar um bocadinho para os resultados, para os números.”
	Família	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 113: “são pais muito mais exigentes, mas não significa que seja uma exigência de qualidade. Exigem porque não têm tempo para os filhos, e como não têm tempo para os filhos exigem que a escola desenvolva uma série de coisas nos miúdos que os pais não são capazes de desenvolver em casa.”
	Autoridade	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 118: “O respeito também pelo professor.”
	Necessidades das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 6, linha 92: “Mais desmotivação por parte dos alunos, a escola não consegue responder às necessidades específicas dos alunos.”
Visão dos encarregados de educação perante o papel da escola na transmissão de valores	Depósito	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 182: “deixam para a escola.” • Anexo 5, linha 134: “acho que às vezes a escola funciona como um depósito.”
	Desresponsabilizam-se	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 188: “os pais passam um bocadinho a bola para a escola.” • Anexo 6, linha 119:

		<p>“Sim, eles remetem isso para a escola, sem dúvida nenhuma.”</p>
	Desprendimento	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 4, linha 133: “eu acho que os encarregados de educação já se esqueceram mesmo dos valores. São poucos os pais que aparecem e que se sente que para além da aquisição de conhecimentos há a formação pessoal enquanto criança e futuro adulto. A maior parte dos pais hoje em dia, o que quer é que o filho seja o melhor aluno e esquecem-se que há lá outros trinta. Quer dizer, é impossível ser o melhor aluno. Acima de tudo aquilo que eu como professora peço é que o meu aluno seja o mais completo possível, é que tenha a parte dos valores, que tenha a aquisição de conhecimentos e desde que ele dê o melhor e aquilo que o seu esforço permitiu, todos eles chegam lá. Não é por ser melhor na matemática ou no português que vou ser melhor pessoa. A cima de tudo eles têm de ser pessoas equilibradas e completas. Muitos pais esquecem-se hoje em dia dessa parte, a preocupação deles é o nível académico e depois falta a outra parte”
Relação Escola/Família	Trabalho conjunto	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 3, linha 196: “essa rutura não existe porque a escola precisa dos pais.” Anexo 3, linha 200: “Tentam sempre fazer uma relação escola-família muito mais alargada do que havia antigamente.”

		<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 205: “Há muitos pais hoje em dia a pedir ajuda.” • Anexo 5, linha 175: “Eu sinto que alguém me pede ajuda, eu sinto que há pais que às vezes não conseguem mais, pedem um bocado ajuda.” • Anexo 6, linha 144: “sentimos que há um trabalho conjunto entre a escola e os pais. A escola também faz um esforço, constrói projetos em que os pais sejam levado à escola e que haja essa articulação entre pais e escola.”
	<p style="text-align: center;">Desinteresse por parte das famílias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 187: “Há um desinteresse, não uma rotura.” • Anexo 4, linha 167: “para os pais isto é uma seca.” • Anexo 6, linha 149: “Mas muitas vezes os pais também não participam tanto quanto se desejaria.” • Anexo 6, linha 153: “Digamos que há um afastamento dos pais à escola.”